

Cláudio de Carvalho Silveira  
Márcia Souto Maior Mourão Sá  
Maria Helena Figueiredo Medina  
Sandra Albernaz de Medeiros  
Sueli Barbosa Thomaz

Fundamentos da Educação 4







Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

## Fundamentos da Educação 4

Volume 2 - Módulo 3

Cláudio de Carvalho Silveira

Márcia Souto Maior Mourão Sá

Maria Helena Figueiredo Medina

Sandra Albernaz de Medeiros

Sueli Barbosa Thomaz



SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério  
da Educação



Apoio:



# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2299-4565 Fax: (21) 2568-0725

## Presidente

Masako Oya Masuda

## Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Sueli Barbosa Thomaz

UERJ - Eloiza Gomes

## Material Didático

### ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Cláudio de Carvalho Silveira

Márcia Souto Maior Mourão Sá

Maria Helena Figueiredo Medina

Sandra Albernaz de Medeiros

Sueli Barbosa Thomaz

### COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

### DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Ana Tereza de Andrade

Luciana Messeder

Marcia Pinheiro

### COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

## Departamento de Produção

### EDITORA

Tereza Queiroz

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jane Castellani

### REVISÃO TIPOGRÁFICA

Patrícia Paula

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Bruno Gomes

Renata Borges

Sanny Reis

### ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

### CAPA

Sami Souza

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Andréa Dias Fiães

Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

S587f

Silveira, Cláudio de Carvalho.

Fundamentos da educação 4. v. 2 / Cláudio de Carvalho Silveira et al. – Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2007.

114p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-320-3

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Interatividade. 4. Sociologia da educação. 5. Memória. 6. Avaliação. I. Sá, Márcia Souto M. Mourão. II. Medina, Maria Helena Figueiredo. III. Medeiros, Sandra Albernaz de Medeiros. IV. Thomaz, Sueli Barbosa. III. Título.

CDD: 370.1

2007/2

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

**Governador**  
Sérgio Cabral Filho

**Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia**  
Alexandre Cardoso

## Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**  
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Nival Nunes de Almeida

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitora: Malvina Tania Tuttman



## SUMÁRIO

<b>Aula 21</b>	– Educação e comunicação	<b>7</b>
<b>Aula 22</b>	– Definição de comunicação	<b>15</b>
<b>Aula 23</b>	– Os meios de comunicação	<b>23</b>
<b>Aula 24</b>	– Interatividade	<b>31</b>
<b>Aula 25</b>	– A sociologia da Educação	<b>41</b>
<b>Aula 26</b>	– Comunicação e memória	<b>59</b>
<b>Aula 27</b>	– Memória e Educação	<b>69</b>
<b>Aula 28</b>	– Memória e Educação	<b>79</b>
<b>Aula 29</b>	– Educação, Memória Comunicação, Artes, Estética e Sociologia: a última parada nas Terras dos Fundamentos da Educação	<b>89</b>
<b>Aula 30</b>	– Avaliação	<b>101</b>
<b>Referências</b>		<b>109</b>



# AULA 21

## Educação e comunicação

### Meta da aula

Abordar a relação educação e comunicação.

# objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar as principais questões entre a educação e a comunicação.
- Relacionar tais questões à realidade cultural brasileira.

*Lá fora faz um tempo confortável  
A vigilância cuida do normal  
Os automóveis ouvem a notícia  
Os homens acreditam no jornal.*

("Admirável gado novo", Zé Ramalho)

## INTRODUÇÃO

As pessoas que andam no trem costumam conversar trocando informações sobre programas de televisão, rádio, reportagens de jornal, filmes, documentários, publicações educativas etc. Elas falam tanto daquilo que gostam quanto do que não gostam. Em suas conversas, também dizem que aprendem muito com as coisas que vêem na internet e na mídia em geral, mesmo quando a tônica do programa é o entretenimento ou as reportagens gerais. Outras comentam que os meios de comunicação estão sempre presentes na escola, por meio do uso do vídeo, DVD, computador, jornais, revistas etc.

A sociedade contemporânea passa por um processo em que a crescente influência direta ou indireta dos meios de comunicação presentes no dia-a-dia de todas as pessoas produz efeitos visíveis sobre a educação. Vemos isso na fase atual de globalização cultural, que tem uma grande participação da mídia. Por isso, a questão de seus objetivos permanece em destaque para nós educadores. Por exemplo: existe uma polêmica a respeito da influência estrangeira mediante as novas tecnologias da comunicação. Isso chega a tal ponto que se discute o risco que corremos de perder parte significativa de nossa nacionalidade em nome de uma forma de "americanização" do mundo, já que os EUA possuem grande presença na sociedade contemporânea por meio de suas redes de informação e produção da cultura de massa.

Os problemas relativos a tal situação influenciam tanto os indivíduos, que educadores e familiares mantêm certa preocupação com as crianças e os jovens, por causa da banalização da violência e do apelo desmedido do culto ao prazer e ao consumismo. É bom lembrar que a construção de subjetividades através de produções da mídia cria ou elege padrões e estereótipos de vestuário, linguagem, vida afetiva, civilidade, participação política, justiça, bem-estar, moral etc.

Para quem tem a função de educar, a dinâmica estabelecida com o protagonismo dos meios de comunicação é algo a ser considerado tanto em termos de seu conteúdo quanto das possibilidades do seu uso pedagógico, como, por exemplo, a educação a distância (BARRETO, 2003).

Para alguns, pode parecer que a escola está vários passos atrás em relação à mídia na influência sobre a percepção que as pessoas têm da realidade. Entretanto, não é demais lembrar que as informações e o entretenimento veiculados pela mídia eletrônica, por exemplo, são respaldados por pessoas e grupos que passaram pelo sistema de ensino. Você percebe que a análise de um fato importante é quase sempre feita ou corroborada por algum professor ou pesquisador de uma universidade?

Em todos os meios de comunicação, vemos especialistas serem convidados a falar sobre diversos assuntos que podem abranger desde uma questão social (por exemplo, violência e criminalidade) até novas descobertas científicas (por exemplo, a invenção de algum medicamento para doenças graves).

## A QUESTÃO ESCOLA X MÍDIA

Ainda hoje existe uma questão que tem gerado um debate muito grande sobre qual instituição exerce mais influência sobre a mentalidade das pessoas na sociedade contemporânea: a escola, a família, ou a mídia?

Neste caso, podemos lembrar a afirmação de Althusser (1985) sobre os “aparelhos ideológicos de estado” (AIE), para quem a escola é vista como a organização mais importante na reprodução de idéias/valores da sociedade capitalista. A ideologia dominante, como o conjunto de idéias e valores presentes na cultura, seria primordialmente difundida pela escola, que é responsável também pela qualificação profissional dos indivíduos. Os outros AIE (igreja, família, imprensa etc.) possuem importância, mas a influência da escola seria maior por causa dessa sua dupla função de reprodução das condições sociais.

Você deve lembrar que os próprios profissionais de comunicação social são formados pelo mesmo sistema de ensino em suas escolas e universidades. Então, talvez possamos relativizar a conhecida concepção de Althusser sobre a importância capital da escola na sociedade capitalista para “fazer a cabeça” dos indivíduos, reproduzindo a ideologia da classe dominante. Neste caso, há muito tempo, a mídia superou a escola no “fazer a cabeça” das pessoas para se adaptarem às exigências do sistema social.

Entretanto, podemos considerar que a escola continua bastante importante ao legitimar as aspirações e interesses de educadores, estudantes e familiares, assim como também do Estado e das empresas privadas na formação e qualificação da mão-de-obra.

Você já deve ter ouvido a crítica de que no Brasil, a taxa de analfabetismo é grande e a escolarização da população é precária. E, ainda, que a influência dos meios de comunicação torna-se maior porque as pessoas não têm muitos hábitos culturais engendrados pela escola, como a leitura, modos mais elaborados de freqüência a museus, galerias de arte, teatros etc. Assim, resta apenas a opção mais barata e imediata dos modelos de informação e lazer difundidos, sobretudo através do rádio, da televisão e do cinema de grande circuito.

O pressuposto de alguns pensadores sobre a sociedade contemporânea pode ser entendido como necessário para pensar a educação/comunicação porque daria à formação cultural o seu caráter de esclarecimento/conscientização dos homens sobre as formas de dominação. Isto contribuiria para diminuir os efeitos perversos da barbárie difundida pela indústria cultural (PUCCI, 1995; FREITAG 1978). Neste caso, poderia ser elaborada uma reflexão sobre a indústria cultural no Brasil e as suas relações com o mercado e o Estado, vendo as suas estratégias para estabelecer um tipo de identidade e desenvolvimento nacionais e regime político e seus vínculos com o capitalismo internacional.

Em nosso país, a manutenção de privilégios de poucos em detrimento de muitos persiste ao longo do tempo como dominação existente nas instituições econômicas, políticas e culturais, tais como, a escola e a mídia. A cultura forma tipos/padrões que definem o que é ser jovem, mulher, criança, religioso, belo, profissional, atleta, pai, filho dentre outros que são adequados ao consumo de bens materiais e simbólicos. Desse modo, é possível considerar temas – como a publicidade/propaganda, o entretenimento, o esporte, a família, a religião, a política e o amor –, segundo a maneira de como são veiculados pelos diversos meios de comunicação (ROCHA, 1985).

Assim, é sempre bom lembrar que tanto na escola quanto na mídia e outras instituições sociais há sempre brechas e lacunas, pois a dominação da elite e a sua capacidade de manipulação podem ser contestadas com outros valores e práticas que possam reverter tal situação. Isto pode ser feito por meio de um trabalho de conscientização, de formação crítica, capaz de levar à mobilização da população para transformar a realidade em que vive (FREITAG, 1987; NOSELLA, 1992).

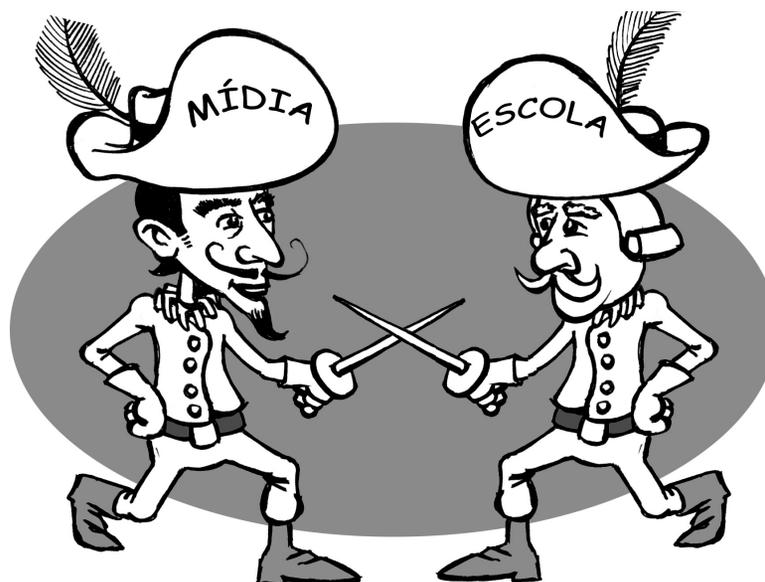


Figura 21.1: O duelo Escola x Mídia.



#### ATIVIDADE

Comente como se dá a influência dos meios de comunicação nas crianças e jovens de uma determinada comunidade. Relacione isso à visão dos mesmos sobre a valorização/desvalorização da educação escolar.

---



---



---

## IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Há implicações pedagógicas importantes a partir da linguagem adotada pelos meios de comunicação no dimensionamento das formas de pensar e agir dos nossos estudantes, uma vez que suas identidades e subjetividades são formadas pela linguagem audiovisual. O que os indivíduos pensam de si mesmos, dos pais, dos outros e do mundo está profundamente marcado pela programação noticiosa, publicitária e lúdica via televisão (aberta e/ou por assinatura). Neste caso, Fischer (2003) propõe pensar os problemas e impasses desse tipo de constituição e expressão cultural em relação ao planejamento e às práticas educacionais que adotamos em nossas escolas. Não haveria como desenvolver o ensino-aprendizagem para as novas gerações brasileiras sem as referências estabelecidas pela mídia eletrônica, capaz de criar suas dimensões de “necessidade” e “realidade”.

Outro aspecto pedagógico importante a considerar é a interatividade. Alguns autores trabalham com a possibilidade de utilizar as novas tecnologias da comunicação para ajudar a desenvolver uma educação voltada para o exercício da cidadania e para a busca do conhecimento na realidade das nossas escolas e das salas de aula (SILVA, 1999). Por meio do uso da internet, pode-se fazer com que a tendência massificadora, superficial e alienante dos meios de comunicação seja revertida.

Deve-se partir da idéia de que as potencialidades e objetivos comunicacionais vão além do modismo, da maquinização do homem e do efeito da publicidade. Utilizando a “interatividade” permitida pelo computador, podemos trabalhar com novos procedimentos pedagógicos, em que o aluno não é apenas receptor, produto ou alvo do conhecimento emitido pelo professor, tido como seu emissor, criador e fonte. De uma posição passiva, o aluno pode passar a ser autor e protagonista do processo de ensino-aprendizagem. O professor passa a ser aquele que estimula, questiona e ajuda a organizar as experiências do aluno, possibilitando que este mergulhe



na “complexidade” das situações vivenciadas e das informações veiculadas. A partir daí, é possível sair da reprodução do conhecimento para a sua construção de forma autônoma e criativa.

Esta nova maneira de abordar a educação é uma forma de transformá-la, fazendo com que deixe de ser um produto pronto e acabado para se tornar um processo aberto, flexível e dinamizador, que aposta na via das “incertezas” muito mais do que nas “verdades” tradicionalmente estabelecidas, em nome de uma abordagem mais complexa sobre o conhecimento.

## RESUMO

As mudanças tecnológicas da comunicação aceleram a dinâmica cultural no contexto da globalização, criando hábitos e relações entre os indivíduos e grupos. A presença da mídia desafia a influência da escola no pensar e agir das pessoas na sociedade contemporânea. Existe a possibilidade de pensar a educação como mera reprodução dessas atitudes ou como a busca da criação do conhecimento de maneira autônoma e criativa.

## ATIVIDADE FINAL

Procure na mídia em geral, instituições que tenham trabalhos pedagógicos que utilizem os meios de comunicação, como por exemplo, produções dramáticas, cursos por radiodifusão, participação comunitária etc.

Elabore um texto a partir dos resultados de sua pesquisa, descrevendo o tipo de trabalho desenvolvido por essas instituições e de que maneira eles afetam as comunidades envolvidas. Não se esqueça de levar seu trabalho ao pólo para discussão com seu tutor e seus colegas.

## PERGUNTAS PARA AVALIAÇÃO

Você entendeu a importância dos meios de comunicação para a educação no mundo contemporâneo? Compreendeu ainda que há uma discussão sobre qual é a instituição mais influente na formação da ideologia da cultura, na qual a escola e a mídia podem ser apresentadas como rivais ou complementares? Enfim, você foi capaz de perceber que as funções atuais dos meios de comunicação podem ser tanto educacionais (ferramenta pedagógica) quanto produtoras e difusoras de um determinado conteúdo que influenciam os indivíduos e grupos sociais?

# AULA 22

## Definição de comunicação

### Meta da aula

Definir o processo de comunicação.

# objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Compreender o conceito de comunicação.
- Identificar as formas e a importância dos meios de comunicação social.

*Palavras, palavras, palavras, palavras, palavras, ao vento.*

(“Palavras ao vento”, Marisa Monte / Moraes Moreira)

## INTRODUÇÃO

Se você puder observar, verá que, durante a viagem de trem, os passageiros lêem, conversam e utilizam equipamentos eletrônicos de som e imagem. No interior da estação há placas de sinalização para a circulação das pessoas, para a utilização de sanitários e para o bar – restaurante com sua lista de produtos e preços. Cada estação tem um nome e todos os ramais possuem placas de orientação para o tráfego das composições. Pense como nossa viagem seria se nada disso existisse! Caso as pessoas não pudessem se comunicar, o relacionamento entre elas jamais existiria.

A linguagem é uma instituição fundamental para pensar a constituição e o funcionamento da sociedade. Sem ela, não seria possível a existência de idéias, valores, hábitos, costumes, saberes e práticas estabelecidos na sociedade. Neste caso, tudo o que somos, fazemos, pensamos está relacionado com a linguagem e o processo que estabelece seus códigos, padrões, canais, símbolos etc.: a comunicação. Este aspecto da relação entre pensamento e linguagem é muito importante desde o início de nossa tradição cultural ocidental. Por exemplo, os gregos criaram a palavra *logos*, pois diziam que pensamento e verbo significam o mesmo.

## O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Neste momento, dirijo-me a você expressando um determinado pensamento através deste tipo de desenho que chamamos de letras, articuladas como sílabas, palavras e frases para tentar comunicar algo relacionado com o tema da comunicação. Você só é capaz de entendê-las de forma clara e organizada porque vivemos numa coletividade que estabeleceu e organizou códigos, símbolos e significados de um modo padronizado. Esta mesma coletividade determinou que nós aprendêssemos a dominar tais elementos a fim de vivermos juntos. Só assim é possível a troca necessária de informações para expressar o conteúdo dos nossos objetivos e interesses, ao mesmo tempo que tomamos conhecimento daquilo que vem dos outros com os quais conversamos (BERGER; LUCKMAN, 1978).

Conforme vimos nas Aulas 1 e 2, o aprendizado da vida social é feito com a transmissão da cultura da sociedade. Isso é concretizado pela linguagem elaborada em cada ambiente social, por exemplo, por

intermédio da escola e dos diversos meios de comunicação. Você pode notar que os diversos grupos existentes, com seus valores, hábitos e costumes, também possuem formas distintas de expressão sobre si mesmo e o mundo. Observe, por exemplo, como se expressa um policial ao se referir, respectivamente, ao registro de um acidente, ao carro da polícia, ao indivíduo, ao estrago e ao roubo seguido de morte: BO, viatura, elemento, delito, avaria, latrocínio. Um marinheiro não diz direita e esquerda, mas estibordo e bombordo. Os surfistas, *funkeiros*, filósofos, sociólogos e médicos também possuem seus termos e significados próprios. Em cada região do país, temos os distintos sotaques e palavras com significações locais.

O processo da comunicação, portanto, está diretamente relacionado à homogeneidade e à diversidade social. Por razões econômicas, políticas e culturais, algumas formas de expressão passam a ser mais conhecidas que outras. É o caso da disseminação da telefonia e da computação nas últimas décadas do século XX, quando aprendemos um enorme número de palavras inventadas por analistas de sistemas e engenheiros que passaram a ser correntes em nosso cotidiano. Dessa maneira, temos uma diversidade cultural que cria modos próprios de comunicação, apesar da linguagem adotada em geral.

Outro fenômeno interessante na comunicação é a influência que as formas de linguagem assumem ao longo da História. Os termos utilizados por nós variam em razão do contexto temporal. Por exemplo, português que falamos no Brasil é fruto da influência lusitana, africana e indígena, além dos estrangeiros que passaram por aqui ao longo do tempo. Em contrapartida, a nossa maneira de falar tem sido disseminada nos países de língua portuguesa por meio dos programas de televisão.

Você percebeu que existe uma dinâmica no processo de comunicação que está na base da elaboração do conhecimento.

Cada um de nós, professores, que ensinamos alguma área do saber para os estudantes, usamos o computador, uma máquina eletrônica que constrói frases passíveis de serem revisadas por outros para alcançar maior fluidez, a fim de que a informação seja compreensível por todos os interessados. Dentro de uma sala de aula tais meios podem auxiliar o professor, que, costumeiramente, usa a sua voz, o giz e o livro didático como meios tradicionais de comunicação do saber. Os meios de comunicação (impresso e eletrônico) podem ser utilizados para o mesmo fim.

**FALÁCIA LÓGICA**

É um tipo de argumentação na qual, sem juízo de valor, é apontada a incoerência de uma sentença / proposição que dificulta o seu entendimento de maneira precisa.

Quando tentamos expressar idéias e sentimentos nem sempre conseguimos êxito. Se chamamos alguém de querido ou querida simplesmente para manifestar simpatia e afetividade, alguém pode interpretar isso como uso de palavras com segundas intenções. Um professor pode dizer: “Aluno bom é aluno morto!”, para explicar uma **FALÁCIA LÓGICA**, procurando dizer que o tipo bom e ideal de aluno não existe mais (ou talvez nunca tenha existido). Entretanto, uma pessoa poderá dizer que é uma afirmação imprópria por soar ofensiva, pois parece significar que os alunos devem ser exterminados. Tais situações revelam que a comunicação pode sofrer distorções em seus elementos, que o emissor (quem fala) não é suficientemente eficaz para o receptor (quem ouve) entender a mensagem (o conteúdo), embora a voz (o meio) e as palavras (os símbolos) sejam conhecidas por ambos que coexistem numa mesma situação (o contexto) (BORDENAVE, 1984). Tal fato também pode ocorrer quando vemos e ouvimos na televisão a frase: “Estude, que você será alguém na vida.” Isso não significa que tal indivíduo tem certeza de sucesso através do sistema de ensino, pois “ser alguém na vida” é uma condição relativa, apesar de a educação colaborar efetivamente como mecanismo de ascensão social na vida de muitas pessoas. Entretanto, para a maioria, tal condição é negada. Aqui podemos dizer que também há distorção no processo de comunicação em nome de um certo tipo de manipulação de um grupo sobre outro.

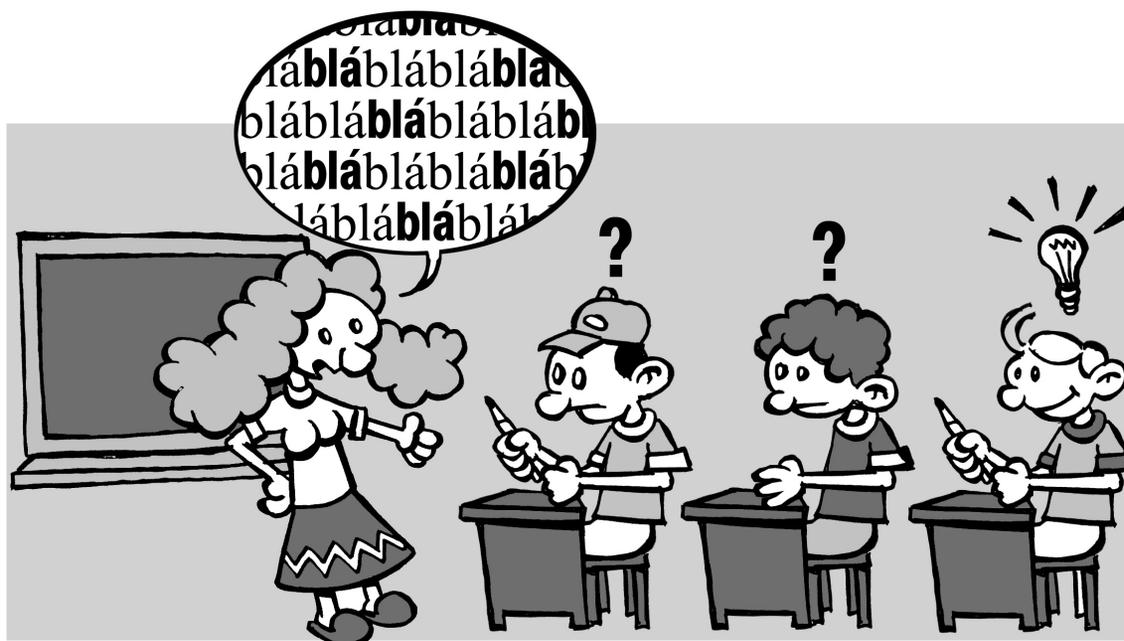


Figura 22.1: A comunicação.



### ATIVIDADE

Explique como o uso de palavras e expressões inadequadas pode comprometer o processo de comunicação de indivíduos e grupos, criando desentendimentos e conflitos entre eles.

---



---



---

### Mídia

É o aportuguesamento da expressão latina *media* (meios), de acordo com a pronúncia anglo-saxã, dada a influência da língua inglesa no mundo contemporâneo.

## A COMUNICAÇÃO DE MASSA

Sabemos que os meios de comunicação são imprescindíveis no mundo contemporâneo. Sua importância tem sido tão grande, a ponto de alguns apelidarem nosso tempo de “idade média”, referindo-se à época da sociedade da informação na qual vivemos. Com o processo de industrialização a partir do século XIX, novas técnicas e tecnologias foram incentivadas, dando lugar, no século XX, à propagação da voz (por meio do rádio, do telefone) e da imagem (por meio do cinema e da televisão) que podem ser transmitidos através da rede mundial de computadores. Assim, foram estabelecidos os mais conhecidos meios de comunicação que utilizamos atualmente. Por exemplo, sabemos que os computadores passaram a ser usados por razões militares a partir da Segunda Guerra Mundial. Depois disso, passaram a ser parte também dos armamentos bélicos, das máquinas industriais e comerciais do setor de serviços. Com a invenção do *personal computer* (PC), a sua massificação foi possível, tornando-se mais um dos utensílios domésticos.

A internet era, inicialmente, uma alternativa de comunicação dos EUA, caso houvesse uma guerra nuclear. Depois disso, ela adquiriu uma dimensão completamente nova na relação entre países, organizações públicas e privadas, grupos e pessoas.

Outros meios de comunicação influentes são a televisão e o telefone. Nem precisamos mencionar aqui a significativa influência que a televisão tem sobre o cotidiano de todos nós, além daquilo que recebemos pelo rádio e vemos no cinema. E não é só isso: imagine a vida atual sem o bom e velho telefone!

O crescimento das chamadas novas tecnologias da comunicação possibilitou a construção de nova dinâmica nas relações sociais. O que era antecipação nos filmes de ficção científica até pouco tempo passou a ser gênero de primeira necessidade no século XXI. O mundo se tornou “menor” por causa da aceleração do tempo no processamento das informações. Passamos a conhecer mais sobre nós mesmos e os outros por meio da televisão por satélite e a cabo. As alternativas de entretenimento e lazer se multiplicaram. Do mesmo modo, o campo do conhecimento e da cultura se tornou mais acessível e foram modificados os métodos de educação, como é o caso desta forma de ensino-aprendizagem a distância, que utilizamos neste momento.

A vida se tornou praticamente impossível sem a presença dos meios de comunicação entre nós. Nas sociedades contemporâneas, a mídia tem uma função crucial de colaborar ativamente na produção da cultura de massa/indústria cultural. De fato, conforme vimos na Aula 2 que tratava sobre os tipos de cultura, os meios de comunicação influenciam a vida de todos nós na sua função de transmitir informações e entretenimento para a população. Por meio deles, a linguagem de uma sociedade pode se manter unificada, ao mesmo tempo que incorpora novos termos criados dentro e fora da nossa sociedade (BOURDIEU, 1997). Como o Brasil é um país de cultura, interna bastante diversificada, a homogeneização cultural responsável pela identidade nacional é feita por intermédio da escola e dos meios eletrônicos de comunicação.

As realidades culturais de várias regiões e comunidades são veiculadas apesar da preponderância da realidade urbana do Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, foi sendo criado o que Ortiz (1991) chamou “moderna tradição brasileira”, que elege determinados padrões e incorpora linguagens e comportamentos de outras culturas, principalmente do mundo anglo-saxão. Neste caso, as empresas privadas assumem a concessão pública a fim de comercializar produtos e serviços por intermédio do cinema, rádio, televisão e computador. Por sua vez, o Estado legisla e controla essa concessão dos meios de comunicação e/ou cria seus próprios canais para a divulgação de informações e atividades de caráter público. Utilizando os meios de comunicação, as autoridades fazem campanhas de interesse geral como saúde, esporte, cultura, educação, defesa civil, segurança pública, mercado de trabalho etc.,

divulgando seus projetos para a sociedade por meio da programação político-eleitoral e da propaganda institucional. Por exemplo, utilizando a televisão e a internet, tanto as instituições públicas quanto as privadas podem prestar serviços e divulgar produtos para a população.

Enfim, podemos concluir que, pelos meios de comunicação, a guerra, a paz, os bens de consumo, a moral e a moda etc. – ou seja, a cultura – são divulgados a toda a sociedade em suas diversas manifestações. O processo de comunicação global tem tido uma contribuição patente na mudança de expressão e costumes criados pela cultura de massa para crianças, jovens e adultos. Eles formam um todo

complexo, organizado em um sistema que se caracteriza pela participação estatal e pela iniciativa privada. A partir daí, podemos ressaltar que seus objetivos podem ser educacionais, procurando auxiliar ou substituir a presença da escola; ou econômicos, explorando os serviços de radiodifusão, publicações e informática.

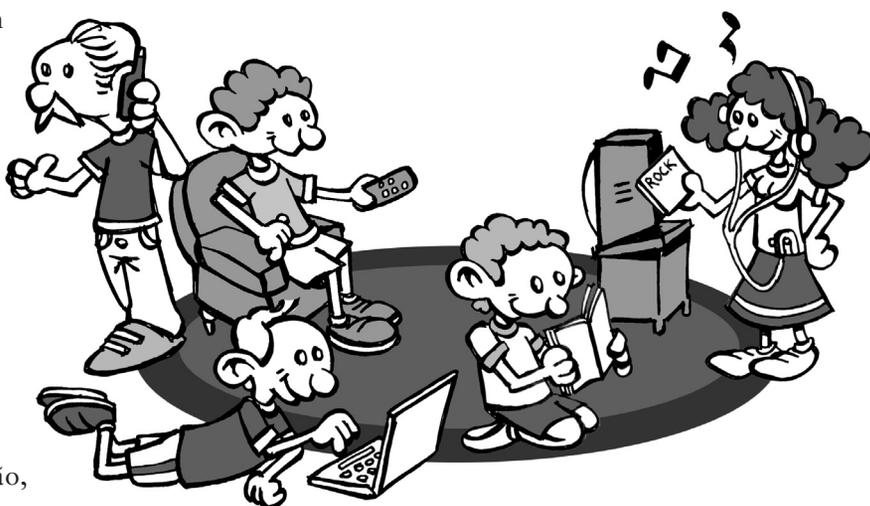


Figura 22.2: A comunicação multimídia.

## RESUMO

O processo de comunicação é básico para a interação social. Sem ele não haveria troca de idéias, informações, saberes e normas que regulam a vida coletiva. A variedade das formas de comunicação/linguagem está relacionada à diversidade de grupos e contextos socioculturais. Tal processo é passível de sofrer distorções, que criam conflitos, desequilíbrios e ajudam a manter desigualdades entre indivíduos e classes sociais.

Os meios de comunicação de massa protagonizam a difusão em larga escala da cultura no mundo contemporâneo, sobretudo, por meio da tecnologia eletrônica, como é o caso da televisão, cinema, rádio e informática. Por razões econômicas, políticas e culturais, podemos analisar a influência dos meios de comunicação levando a estabelecer conseqüências consideradas positivas ou negativas no contexto social.

### ATIVIDADE FINAL

Faça um comentário sobre a presença dos meios de comunicação de massa em nossa sociedade e relacione-os ao processo educacional. Nele você poderá perceber seus efeitos positivos e negativos na vida dos professores e alunos.

---

---

---

---

### PERGUNTAS PARA AVALIAÇÃO

Como você pôde perceber ao ler esta aula, as “palavras lançadas ao vento” podem comunicar, com maior ou menor eficiência, os fatos que desejamos informar ou os sentimentos que precisamos expressar.

Por que os processos de comunicação sofrem distorções e criam conflitos? De que modo a diversidade social influi no processo de comunicação global? Realizando a Atividade Final, você poderá avaliar se compreendeu, efetivamente, o conteúdo desta aula, associando-o ao processo educacional. Procure, em seguida, discutir suas idéias com seu tutor e os colegas do pólo. Desta forma, você se sentirá mais confiante para acompanhar o conteúdo a ser abordado na próxima aula.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos aprofundar um pouco mais a reflexão acerca das características e objetivos dos meios de comunicação e sua importância para o desenvolvimento social, baseados no pensamento de alguns autores que trataram do assunto.

# AULA 23

## Os meios de comunicação

### Meta da aula

Apresentar a importância dos meios de comunicação.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Identificar a função dos meios de comunicação na sociedade.
- Relacionar tais funções com a educação escolar.

*Antes o mundo era pequeno, porque a Terra era grande  
Hoje a Terra é muito grande, porque o mundo é pequeno  
Do tamanho da antena parabólicamará...*

(“Parabólicamará”, Gilberto Gil)

## INTRODUÇÃO

Você viu na aula anterior que o processo de comunicação é imprescindível ao ordenamento de qualquer sociedade. No mundo atual, boa parte da troca de informações e saberes realiza-se através do conjunto dos meios de comunicação, principalmente da mídia eletrônica. O Brasil acompanha muitas tendências culturalmente estabelecidas pela mídia as quais, por sua vez, se refletem no cotidiano e na formação da identidade nacional dos indivíduos e grupos pertencentes à sociedade. Há entre nós o debate sobre as implicações consideradas positivas/negativas dos meios de comunicação, que vão desde o aumento da criminalidade e da violência às campanhas políticas e ao impacto da televisão e do rádio na percepção dos jovens sobre o ensinar e o aprender.

Para dar prosseguimento à nossa viagem, pretendemos apresentar alguns trilhos nos quais nosso trem pode seguir, a fim de percorrer o mundo da educação, apresentando uma breve reflexão sobre a função da mídia na sociedade e o seu vínculo com o saber escolar.

## ALGUMAS IDÉIAS SOBRE A FUNÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Neste momento, vamos descrever alguns dos principais teóricos que estudaram a função dos meios de comunicação na realidade contemporânea.

Wright Mills (1978) afirmou que os meios de comunicação se tornaram um **GRUPO DE REFERÊNCIA** básico para as pessoas na sociedade atual. Para falar disso, o autor trabalhou com dois modelos, criando a seguinte classificação: a) “a sociedade de públicos” e b) “a sociedade de massas”.

Na sociedade de públicos o número de pessoas que expressa e recebe as opiniões é praticamente o mesmo; há possibilidade mais efetiva de resposta imediata às opiniões existentes (gerando maior debate); o resultado do debate é posicionado em prática e o público mantém-se autônomo em relação à influência política.

### GRUPO DE REFERÊNCIA

Grupo de referência é todo aquele que exerce influência direta ou indireta, sobre a consciência de um indivíduo. Neste caso, a família, as instituições religiosas, os meios de comunicação, os colegas, a escola etc. podem ser entendidos como tal.

No modelo de sociedade de massas ocorre o contrário: poucas pessoas expressam as opiniões em relação àquelas que as recebem; a capacidade de elaboração de resposta e de debate é reduzida; existe uma enorme distância entre a opinião gerada e as decisões tomadas pelas autoridades; as influências das instituições políticas penetram mais profundamente na população, controlando-a e eliminando a sua autonomia.

Na verdade, a sociedade contemporânea pode apresentar uma coexistência de ambos os modelos. Isto é importante para localizarmos qual a função dos meios de comunicação, pois, no primeiro modelo, eles tornam-se apenas o *veículo* de difusão da opinião e, no segundo, tornam-se a *fonte* da opinião pública.

Esta reflexão já vinha sendo encaminhada pelos pensadores alemães da Escola de Frankfurt a respeito do caráter da cultura massificada pelos meios de comunicação, segundo Adorno e Horkheimer (1986). Para esses autores, o cinema, o rádio e a televisão contribuem para a barbarização da cultura e para a alienação, investindo mais no sentimentalismo e no entretenimento do que na reflexão racional, na conscientização e na emancipação social. Entretanto, para seu colega Benjamin (1980), os meios de comunicação, contribuem para a democratização do acesso à cultura, tornando-se um elemento importante para a conscientização e a educação da população, apesar de seus efeitos maléficos.

Numa visão distinta desses autores sobre a função dos meios de comunicação, McLuhan (1977) criou o conhecido termo “aldeia global” para se referir ao fenômeno da aproximação dos povos e culturas de distintos países através da mídia, como se tornou possível com o uso massivo da televisão. Aqui, as fronteiras nacionais e territoriais poderiam ser ultrapassadas, de modo que houvesse maior intercâmbio entre os homens, buscando pontos em comum, apesar das diferenças que os separam. Da sua própria aldeia, alguém poderia vislumbrar o mundo. Em boa medida, através dos meios de comunicação de massa, o fenômeno da globalização cultural e o protagonismo da televisão foram antevistos por esse autor.

Outra referência importante é o italiano Umberto Eco (1993), que, a partir de posições como as apresentadas anteriormente, fez uma análise do posicionamento acerca dos meios de comunicação no mundo atual. Para ele, os “apocalípticos” são aqueles que criticam os meios de comunicação porque, a seu ver, eles padronizam a cultura, desconsiderando

Os AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado) são entendidos por Louis Althusser como instituições responsáveis pela reprodução da idéias e valores da classe dominante da sociedade. Por exemplo, a família, a igreja os meios de comunicação e a escola. Esta última é o aparelho mais importante na sociedade capitalista em decorrência de sua função como formadora da mentalidade e de qualificadora da mão-de-obra para adaptar os indivíduos ao sistema.

a diversidade cultural existente na sociedade; voltam-se, primordialmente, para o consumo e o lucro capitalista, estimulando apenas o entretenimento e deixando de lado a capacidade das pessoas pensarem criticamente. Em contrapartida, “os integrados” defendem os meios de comunicação porque eles são a única fonte de informação para muitas pessoas, permitindo que seu público aprenda com as informações que veiculam e, desse modo, a sua padronização cultural pode ser benéfica, por que unifica características de vários grupos, em nome da coesão social.

Edgard Morin (1978) nos apresenta o argumento de que a indústria cultural é responsável pela padronização de estilos, gostos e produtos, ao mesmo tempo que precisa estimular sempre a criação do novo, procurando inventar novidades e buscando a individualização de cada produto. Há, então, receitas-padrão que são adaptadas em cada modalidade, renovadas e individualizadas. A indústria cultural trabalha com um aparente paradoxo: burocracia-invenção, padrão-individualidade. Isto faz com que as produções possuam suas próprias características e personalidade; assim, um filme pode ser de faroeste, de guerra, romântico, comédia, policial, ficção científica etc., produzidos dentro de uma lógica racionalizada e burocratizada; ao mesmo tempo, possuem distinções específicas e traços da personalidade de seus realizadores (produtores e diretores). O mesmo raciocínio vale, por exemplo, para as telenovelas, séries, produções musicais, livros e revistas.

#### **ATIVIDADE**



Faça uma reflexão sobre um programa de televisão brasileiro de cunho informativo ou de entretenimento, levando em conta seus aspectos positivos e negativos para a Educação.

---

---

---

---

---

---

---

---

Partindo daí, qual seria a maneira de classificar a sociedade brasileira? Podemos dizer que ela é uma democracia efetiva com os meios de comunicação influenciando positivamente na construção da cidadania ou é apenas uma farsa da qual esses meios fazem parte auxiliando na manipulação e alienação da população? Nossa indústria cultural é apenas uma fonte de exploração comercial a partir do entretenimento ou possui um perfil educativo, que visa a difundir cultura para a melhoria da qualidade da formação da população? Talvez no nosso país haja ambas as situações, no qual a função cultural-educativa da mídia coexiste com a atitude ideológica de “fazer a cabeça” do povo em nome de interesses econômicos e políticos da elite.

Pelo sim pelo não, podemos agregar ainda um outro problema: o controle institucional dos meios de comunicação, pois é sabido que existe a monopolização do mercado por um só complexo empresarial. Não temos ainda um debate aprofundado sobre a política de comunicação social no Brasil desde a promulgação da Constituição de 1988.

Este é um debate bastante amplo, que interessa aos profissionais de Comunicação, de Educação e à população em geral, pois quase nunca a diversidade da realidade brasileira é suficientemente representada nas nossas telas e ondas de rádio. Existe, aqui, também, uma enorme concentração da produção e da difusão cultural nas mãos de poucos. Muitos grupos não conseguem a devida expressão simplesmente porque não dispõem da oportunidade do acesso à mídia. Neste caso, há quem lute por uma “reforma agrária do ar” (uma divisão do espaço da produção e acesso à mídia) para que as comunidades locais, movimentos sociais e associações civis possam ter vez e voz na vida social brasileira. Imagine quantas possibilidades de realizações culturais e artísticas poderiam ser desenvolvidas, caso houvesse maior influência da população no uso dos meios de comunicação. De todo modo, alguns crêem que isso pode acontecer com a democratização da *internet*. Essa discussão vai mais longe. Não temos a intenção de esgotá-la, apenas podemos indicar algumas idéias que existem acerca do tema que podem ser aproveitadas para pensar e atuar na relação entre a mídia e a Educação.

Os argumentos dos pensadores modernos, herdeiros da tradição iluminista, como Wright, Mills, os integrantes da Escola de Frankfurt, Althusser etc., afirmam que a razão é capaz de dar aos homens uma consciência crítica: o esclarecimento necessário para se pensar o mundo

onde vivem e o seu lugar nele; dialogar e debater com as demais questões básicas da sua realidade e também associar-se com outros homens que possuam os mesmos interesses para pôr em prática seu posicionamento em relação aos de outrem, levando à disputa e aos conflitos políticos inerentes à vida democrática. Assim, haveria a possibilidade de construir uma ordem social sem manipulação ideológica e dominação, voltada para a autonomia de indivíduos, para a justiça e para a emancipação social.

A reflexão sobre os meios de comunicação de massa dos autores pós-modernos é baseada nas análises de pensadores franceses, como Baudrillard (1991), Morin (1990) e Lyotard (1986). Aqui, diferente da referência anterior, nega-se a capacidade de alcance universal da razão e das suas finalidades libertadoras, como afirmam os autores modernos citados anteriormente. Nesse caso, são relativizadas a manipulação ideológica e a dominação feita pela cultura. Por exemplo, a cultura popular não é vista como uma aberração ou sinônimo da barbárie, mas como um tipo de manifestação do nosso tempo que estabelece os perfis da realidade cotidiana de indivíduos e grupos na coletividade. Suas manifestações não são em si “ falsas” ou “verdadeiras”, mas sim uma forma de expressão de significados e representações que produzem múltiplas subjetividades e identidades, como as questões de gênero (masculino, feminino e homossexual), as minorias étnicas de geração (juventude, infância, maturidade).

Assim, a concepção pós-moderna valoriza o entendimento do fragmento, do banal, do efêmero, do cotidiano e das microrrelações de poder, sem que exista um objetivo final a ser alcançado por todos. Com a influência dos meios de comunicação, a sociedade é o reino do espetáculo, da performance, que não tem outra finalidade a não ser expressar-se como tal. As manifestações particulares são consideradas suficientes para pensar a produção de saberes, valores, práticas, discursos como a educação e a comunicação: o mosaico da realidade social e as suas várias linguagens – podem ser apreendidos pela mídia e pelas novas tecnologias empregadas no seu funcionamento (SILVA, 1996).

## ATIVIDADE FINAL

Na música “Terra de gigantes”, os Engenheiros do Hawaii já diziam que “a juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes”. Comente esta afirmação em relação à influência dos meios de comunicação.

---

---

---

---

### RESUMO

Os meios de comunicação possuem uma enorme influência na sociedade atual, a ponto de definirem os critérios de verdade e realidade para muitas pessoas em todo o mundo. Para estudá-los é necessário perceber que há abordagens teóricas distintas sobre as funções dos meios de comunicação. Assim, alguns autores enfatizam seus aspectos negativos, outros consideram os aspectos positivos. Outros tantos reúnem ambas as qualificações.



## Interatividade

# AULA 24

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Compreender o conjunto articulado dos princípios interacionistas, em que é possível diagnosticar, julgar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino.
- Entender a interatividade como instrumento para planejamento e análise das situações educativas.
- Descrever o papel da interatividade na gestão dos processos de ensinar e aprender.

## INTRODUÇÃO

Nesta aula, visitaremos os domínios da Interação, levando em consideração duas abordagens já estudadas dentro da área de Psicologia da Educação: a piagetiana e a vygostskiniana. Portanto, coloquem em suas bagagens de mão as duas teorias mencionadas, pois precisaremos consultá-las ao longo desse percurso.

## PIAGET E A ESPECIFICIDADE DAS INTERAÇÕES NO DOMÍNIO DO SOCIAL

Piaget já havia feito uma distinção entre a experiência física e a experiência lógico-matemática como base para a constituição de conhecimentos correspondentes – o que significa, no primeiro caso, extrair conclusões a partir do manuseio e interação com os objetos concretos, por exemplo, classificar os objetos separadamente de acordo com suas propriedades físicas: cor, tamanho, textura etc. No caso da experiência lógico-matemática, o sujeito extrai conclusões a partir da relação entre os objetos, assim, por exemplo, chegará aos conceitos de maior e menor, já que tais noções só podem ser construídas quando comparamos objetos iguais ou diferentes em um dado momento.

Mas Piaget se ocupou também de objetos simbólicos, sociais e culturais, e não tão-somente, como gostam de pensar leitores menos atentos, dos objetos lógico-matemáticos. No que se refere aos conhecimentos sociais, o problema crucial para a Psicologia Genética é a elucidação da natureza da experiência social, determinada por interações de crianças e adolescentes como agentes sociais. Por isso, dedicaremos algum tempo à estação da Interatividade Piagetiana e suas contribuições para a prática educacional, visitando uma temática ainda pouco explorada pela Pedagogia.

Começemos nossa visita com a seguinte pergunta: que tipo de interação social é capaz de criar as condições para a interação sujeito-objeto do ponto de vista epistemológico? Para caracterizar essa interação em seus traços mais gerais, precisamos da ajuda da Sociologia contemporânea, teóricos como Giddens (1987) e Habermas (1987), dentre outros, que nos dizem que a interação social aparece simbolicamente estruturada pelos atores (no caso, os alunos), por meio de objetos diretamente simbólicos e de certas formas indiretas como as instituições sociais (as escolas).

A atividade do sujeito nesse campo pressupõe a reciprocidade de outros sujeitos com os quais interage intencionalmente, particularmente no caso das relações com a autoridade escolar. E isso para interpretar não só as intenções de outro indivíduo, mas, e ainda mais, o que a instituição pretende do mesmo. Por isso, ao ser imprescindível a comunicação nessas relações sociais escolares, as interpretações são feitas sobre expressões, atos ou outras formas simbólicas.

Uma temática classicamente piagetiana – a interação sujeito com objeto – sustenta a “reação” do objeto sobre as estruturações do sujeito, admitindo ou resistindo às significações que lhe são atribuídas pelo sujeito. Mas, como sabemos, os objetos naturais não possuem intenções, e quando Piaget postulava as resistências dos objetos aos sujeitos, utilizava-se da metáfora. Como estamos tratando, agora, de objetos sociais, a resistência dos sujeitos à ação dos mesmos é, no sentido estrito, intencional.

A intencionalidade é parte constitutiva dos objetos sociais e, sendo também própria dos sujeitos, permite a produção da comunicação recíproca.

“Essa interpretação cruzada e antecipada das ações justifica, talvez, a caracterização da interpretação como simbólica” (CASTORINA & GIL ANTÓN, 1995, p. 70).

Ao partirmos desse pressuposto, podemos observar nos atos reiterados das autoridades, nos ritos escolares, na disposição de objetos e pessoas na escola e nos gestos e prescrições das autoridades a presença do componente simbólico. Todos esses atos presentes no interior das escolas representam os significados socialmente instituídos acerca da natureza da autoridade, os seus limites e direitos. Em outras palavras, é dessa forma que se situa o conhecimento social no interior das interações regulares com professores, diretores e alunos, que as Ciências Sociais definem como vínculos entre cargos, funções e a sua normatização. Os processos de conceituação infantil (construção do conceito) são orientados para a reconstrução dessa trama de significados na interação simbólica.

Mas como os alunos, ao interagir com conceitos adultos de autoridade escolar, interpretam as interações sociais que se estabelecem no interior das escolas? Os conceitos adultos são reconstruídos pelos alunos, embora seus esquemas de assimilação levem em consideração, necessariamente, a posição do adulto.

A tese central de Piaget é de que as crianças constroem a sua inteligência social e moral no transcurso da sua intervenção em interações sociais e em um processo de adaptação constante às circunstâncias sociais, desde as relações entre pares até as relações de autoridade.

Transpondo a teoria para o cotidiano da escola, podemos afirmar junto com Piaget que os alunos irão construir os conceitos de respeito às normas escolares, aos professores e diretores no transcurso de suas vivências institucionais. O código de leis da escola precisa ser interpretado por cada aluno, constituindo-se em uma das aprendizagens vitais para a convivência social nesse espaço institucional. Mas, como administrar essa aprendizagem específica?

Vale lembrar que as regras também são construções cognitivas, afetivas e sociais, portanto, merecem um destaque especial, e cabe a cada sala de aula promover a elaboração de seu código de regras, sem esquecer as leis da escola, junto com os alunos. Precisamos, nesse processo, levar em consideração a faixa etária da turma para a construção dessas regras. Assim, o que é válido para o dia-a-dia da Educação Infantil, embora não fique invalidado para as séries iniciais da Educação Fundamental, será acrescido de novos contornos e complexidades e assim por diante, até a Educação Superior.

Falando em termos mais pragmáticos ainda, relato um fato ocorrido com uma turma de 5ª série em uma escola particular localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Em um determinado momento, no início do ano escolar, os alunos resolveram desafiar professores e funcionários através do uso exagerado de palavrões, intimidando alguns, enfurecendo outros e desrespeitando muitos. Marcavam, dessa forma, sua entrada na adolescência – os palavrões lhes serviam como um passaporte para a transgressão e a rebeldia, um rito de passagem para a nova fase da vida que eles tanto temiam enfrentar e o luto pela infância perdida. Assim foi interpretado pela psicóloga e psicopedagoga da escola o que estava acontecendo com a turma de 5ª série. Seguindo sua interpretação, e tendo o apoio da direção da escola, resolveu intervir psicopedagogicamente na situação: entrou em sala e solicitou que a turma lhe fornecesse oralmente a lista de todas as palavras consideradas insultuosas por professores e funcionários que estavam sendo ditas por eles, para que juntos pudessem trabalhar os significados das mesmas e assim melhorar as relações sociais dentro do colégio. Como os alunos

não esperavam uma autorização para repetir o que andavam falando, ficaram extremamente constrangidos e emudeceram. Diante do silêncio, a psicopedagoga decidiu começar a escrever no quadro-negro a lista que havia confeccionado das palavras que lhe chegaram aos ouvidos, para maior espanto geral ainda. Incomodados com a nova situação criada e perplexos diante da escrita de palavras tão censuradas, os alunos entreolhavam-se envergonhados. Confiante em sua estratégia, a psicopedagoga pediu que os alunos relatassem os significados que imprimiam a cada uma daquelas palavras listadas. Timidamente, uns poucos alunos começaram a falar, enquanto a maioria apenas acenava com a cabeça, concordando com os colegas que falavam. Nesse momento, a psicopedagoga pôde constatar que a turma *desconhecia* a maior parte dos significados daquilo que falavam, embora soubessem do poder agressivo das palavras. Começou, então, a trabalhar com eles os múltiplos sentidos de cada uma das palavras e a história delas. Depois discutiram as várias formas de agressão e violência na sociedade, incluindo o uso do “palavrão” como ataque e defesa.

Só depois de construído coletivamente um conhecimento sobre os significados dos palavrões, foi possível reconstruir com essa turma o conjunto de regras que pautaria os relacionamentos interpessoais deles com as demais pessoas da escola. O palavrão não desapareceu, mas sua oralidade exacerbada foi substituída, por decisão coletiva, pela escrita do mesmo em um lugar especificado pela turma: uma espécie de *folder* foi criado para essa finalidade e todos os que sentiam vontade de expressar sua raiva diante de uma situação de impasse, em vez de dizer um palavrão, levantavam-se, escreviam, fechavam o *folder* e retornavam aliviados para seus lugares.

Como você pode perceber, a interação com os alunos, de qualquer série, não é alguma coisa pronta e acabada, uma técnica ou estratégia de alguns pouco iluminados. Ela é algo que está sempre em construção nos relacionamentos interpessoais, na relação dos sujeitos com objetos de conhecimento cognitivo, emocional ou moral. Enfim, a interação pode estar calcada no conhecimento de conteúdos escolares ou nas aprendizagens sociais que ocorrem no cotidiano da vida em sociedade.

A interação também não está disponível espontaneamente ao professor, necessitando apenas que se aperte o “botão teórico” certo para colocá-la em funcionamento. Ela precisa ser criada na relação entre

alunos e professores, nas situações escolares onde o desafio intelectual faz parte do dia-a-dia escolar e ir à escola é um prazer, uma expectativa e não uma rotina chata, enfadonha, que precisamos tolerar com paciência. Aliás, o verbo *interagir*, é definido pelo *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa – Século XXI* (1999) como: “agir mutuamente (dois ou mais objetos, duas ou mais coisas); “interatuar”, exercer interação”. O prefixo *inter* já remete à reciprocidade, ou seja, não estamos falando de quaisquer ações entre pessoas, mas de ações que envolvem reciprocidade – bastante diferente de ações verticais de dominação e submissão, uma pessoa manda e muitas obedecem à ordem dada, como é o caso da tarefa escolar rotineira de fazer os alunos copiarem um quadro-negro repleto de exercícios. Aliás, nessa ação de cópia, os alunos só usaram a mão e os olhos, o lado cognitivo não precisou ser acionado, mas o emocional foi saturado de emoções negativas, pois mais uma vez é preciso obedecer a uma ordem e realizar uma tarefa enfadonha.

Vejamos, agora, como Vygotsky (2003) trata da interação na sala de aula:

O processo educativo não deve ser concebido como algo unilateralmente ativo, nem devemos atribuir tudo à atividade do ambiente, anulando a do próprio aluno, a do professor e tudo que entra em contato com a educação. Pelo contrário, na educação não há nada passivo ou inativo. Até as coisas inanimadas, quando incorporadas ao âmbito da educação, quando adquirem um papel educativo, se tornam dinâmicas e se transformam em participantes eficazes desse processo (p. 78).

Vygotsky entende que o professor desempenha um papel ativo no processo de educação: modelar, cortar, dividir e entalhar os elementos do meio para que estes realizem o objetivo desejado. Portanto, o processo educativo é trilateralmente ativo: o aluno, o professor e o meio existente entre eles são ativos e estão em interação constante. Por isso, é incorreto conceber o processo educativo como um processo placidamente pacífico e sem altos e baixos,

pelo contrário, sua natureza psicológica descobre que se trata de uma luta muito complexa, na qual estão envolvidas milhares das mais complicadas e heterogêneas forças, que ele constitui um processo dinâmico, ativo e dialético de crescimento. Nada lento, é um processo que ocorre a saltos e revolucionário, de incessantes combates entre o ser humano e o mundo (p. 79).

Já que Vygotsky aponta para a complexidade do processo educativo e para a convergência de três ações, professor, aluno e meio, devemos visitar a dinâmica de cada uma delas, e nada melhor do que vê-las funcionando através do conceito vygotskiano de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Proposta pelo psicólogo soviético há mais de um século no âmbito de uma posição teórica global que defende a importância da relação e da interação com outras pessoas como origem dos processos de aprendizagem e desenvolvimentos humanos, recuperada junto com o conjunto da obra vygotskiana nos últimos anos e objeto crescente de interesse e aprofundamento no campo psicológico e educacional, a ZDP é definida como a distância entre o nível de resolução de uma tarefa que uma pessoa pode alcançar atuando independentemente e o nível que pode alcançar por meio de um colega mais competente ou experiente nessa tarefa (VYGOTSKY, 1979). Em termos mais gerais, a ZDP pode ser definida como o espaço no qual, graças à interação e à ajuda de outros, uma pessoa pode trabalhar e resolver um problema ou realizar uma tarefa de uma forma e em um nível que seria incapaz de conseguir individualmente.

De acordo com a caracterização de Vygotsky, seguidores e colaboradores, é na ZDP que podemos produzir o surgimento de novas maneiras de o participante menos competente compreender e enfrentar as tarefas e os problemas, graças à ajuda e aos recursos oferecidos por seu ou seus colegas mais competentes ao longo da interação. A partir dessa caracterização, também é possível entender que aquilo que a pessoa é capaz de fazer com a ajuda da ZDP, em um dado momento, mais tarde poderá realizar independentemente – aquilo que primeiro pode ser realizado no plano social ou interpessoal poderá, no futuro, ser dominado e realizado de maneira autônoma pelo participante inicialmente menos competente.

O processo de construção, modificação, enriquecimento e diversificação dos esquemas de conhecimento desencadeados pela participação na ZDP pode dar margem a uma reestruturação duradoura e a um nível superior desses esquemas. Portanto, a ZDP não pertence a este ou aquele participante na interação de algumas de suas ações, consideradas individual e isoladamente, mas é criada na própria interação tanto em função das características dos esquemas de conhecimento sobre

a tarefa ou conteúdo trazido pelo participante menos competente, como dos tipos e graus de suporte e de instrumentos e recursos de apoio utilizados pelo participante menos competente. Daí é possível concluir que, para um determinado aluno, situado no âmbito da sala de aula, existem múltiplas ZDPs, em função da tarefa e do conteúdo em questão, dos esquemas de conhecimento em jogo e das formas de ajuda empregadas pelo professor ao longo da interação. É por isso que não se pode conceituar a ZDP como um lugar ou um espaço em termos fixos e estáticos, mas como um campo dinâmico, em constante processo de mudança por meio da própria interação.

Por conta de todas essas caracterizações, Coll (1990, 1991) propõe o ensino *como ajuda ajustada*, ou seja, o ensino como processo de criação de zonas de desenvolvimento proximal e de assistência nelas. Isso significa que o ensino deve auxiliar o processo de aprendizagem, e a chave-mestra do processo nada mais é que a delimitação do ajuste desse auxílio ao processo construtivo realizado pelo aluno.

Se o ensino deve ajudar o processo de construção de significados e sentidos efetuado pelo aluno, a característica básica que precisa cumprir para realmente realizar essa função é a de estar, de alguma forma, vinculado e sincronizado com esse processo de construção – como foi o exemplo da turma de 5ª série que você viu nesta aula.

Coll afirma que a ajuda deve conjugar duas grandes características:

1. Levar em conta os esquemas de conhecimento dos alunos relacionados ao conteúdo de aprendizagem tratados e tomar como ponto de partida os significados e os sentidos de que os alunos disponham em relação a esse conteúdo.

2. Ao mesmo tempo, precisa provocar desafios que levem os alunos a questionar esses significados e sentidos e forcem sua modificação pelos alunos, assegurando que essa modificação ocorra na direção desejada – aproximando a compreensão e atuação dos alunos dos objetivos e intenções educacionais.

Isso significa, por um lado, não perder de vista a abordagem de Vygotsky: o ensino deve apontar, fundamentalmente, não para aquilo que o aluno já conhece ou faz nem para os comportamentos que já domina, mas para o que não conhece, não realiza ou não domina suficientemente. Por outro lado, o ensino deve ser constantemente exigente com os alunos

e colocá-los diante de situações que os obriguem a envolver-se em um esforço de compreensão e de atuação. Contudo, essa exigência precisa ser acompanhada de apoios e suportes de toda espécie, de instrumentos intelectuais e emocionais que possibilitem aos alunos superar tais exigências e desafios.

Trazendo os dois conceitos (ZDP e ajuda ajustada) para o cotidiano da sala de aula, pode-se concluir que o ensino não tem efeitos nem lineares, nem automáticos sobre os alunos, tais efeitos existem, sim, mas só em função de alunos e professores concretos e daquilo que trocam em cada momento de aprendizagem. Assim, por exemplo, diante de uma pergunta dos alunos durante uma explicação, às vezes pode ser mais adequando responder de maneira direta, retomando uma informação já dada anteriormente; em outras situações, o melhor a fazer é devolver a pergunta a quem a formulou; em alguns casos, reformulá-la em outros termos, antes de responder; em outros momentos, dirigir a pergunta ao resto da classe, ou, quem sabe, remeter a um exemplo já trabalhado etc. Muitas são as possibilidades de interações, também concretas, que se apresentam a professores e alunos no cenário da sala de aula, e somente eles, como autores de suas próprias histórias e cenas educacionais, podem decidir qual o melhor caminho a ser trilhado.

## RESUMO

A caracterização da interação no ensino, como você viu nesta aula, sem dúvida alguma, representa um desafio para nós, que nos dedicamos à tarefa docente. Se for colocada em prática, não estará isenta de problemas, dificuldades e limitações muitas vezes impostas pelas próprias condições de realização dessa tarefa. Por isso, e de acordo com os mesmos princípios que utilizamos para desenhar essa caracterização, entendemos que esse desafio só poderá ajudar a aprendizagem e o desenvolvimento de escolas e aulas se for enfrentado tendo como ponto de partida os conhecimentos e experiências prévios de cada professor e, ao mesmo tempo, utilizando-os como eixo norteador de qualquer processo de mudança.

É igualmente necessário fincar nossos pés na história, na situação e nas condições reais de cada escola e de cada turma se estivermos empenhados em dar conta de alunos concretos com tarefas escolares também concretas e abordáveis a cada momento vivido em sala de aula. Em função dessas condições e dos instrumentos de apoio disponíveis, e se entendermos o processo interativo como uma progressão, com seus avanços, retrocessos, bloqueios e conflitos, não ficaremos desapontados quando, por vezes, o avanço se mostrar lento e pouco espetacular, porque sabemos que mesmo se mostrando assim, ele é decisivo e importante para os protagonistas da cena educativa: professores e alunos.

### ATIVIDADES FINAIS

1. A interação professor-aluno é, em situações de aula, a fonte criadora de ZDP e assistência pela própria natureza da educação escolar como prática elaborada intencionalmente com o objetivo de que o aluno aprenda determinados conteúdos escolares graças à ajuda sistemática e planejada oferecida pelo professor. No entanto, a interação cooperativa entre alunos também pode ser uma base adequada para a criação de ZDP. Como você pode caracterizar uma interação cooperativa em sua sala de aula?
2. Que tipos de situações escolares você pode criar para propiciar o surgimento de interações cooperativas entre os alunos?
3. Será que a existência de pontos de vista diferentes entre os membros de um grupo de alunos impede a criação de ZDP?
4. Segundo Piaget, o sujeito, em sua história pessoal de interação constante com algum objeto de conhecimento, vai construindo esquemas interpretativos para esse objeto e atribuindo-lhe significados e sentidos. Você pode conferir esse postulado piagetiano ao solicitar que seus alunos lhe digam os significados que eles atribuem, por exemplo, à matemática escolar?
5. Muitos objetos de conhecimento passam despercebidos pelos alunos e, por essa razão, não se constituem como centros de interesse para eles. Precisam ser apresentados aos alunos, assim como apresentamos pessoas desconhecidas aos nossos amigos. Que objetos de conhecimento você pode privilegiar na apresentação a seus alunos?

## A sociologia da Educação

AULA

# 25

## objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Identificar as principais concepções sociológicas da Educação.
- Compreender a contribuição da Sociologia para pensar a Educação em suas idéias e ações.

*Todos os dias é um vaivém, a gente se repete na estação...*  
(“Encontros e Despedidas”, Milton Nascimento/Fernando Brandt)

*O trem parou, rapaziada. Chegou a hora de tomar uma gelada...*  
(“Samba do Trem”, Marquinho de Oswaldo Cruz)

## INTRODUÇÃO

A Sociologia é uma área de estudo que se preocupa em compreender as relações sociais estabelecidas coletivamente pelos homens em cada um dos lugares onde vivem. Assim, podemos analisar as estruturas estabelecidas pelos grupos e sociedades nos seus diversos níveis: econômico, político e cultural, com a contribuição de outras Ciências Sociais, tais como Antropologia, Ciência Política, além da Economia, da História e da Psicologia.

Desde o seu início, a Sociologia tem pensado a natureza das normas, padrões, estruturas, funções, idéias, valores, sentidos, relações e comportamentos que são construídos e constroem a vida social, tanto no caso de uma situação em particular, quanto em relação ao desenrolar histórico. É interessante notar que o cientista social visa conhecer os fenômenos vivenciados pelos indivíduos e grupos, tentando ser o mais imparcial possível, ainda que isso seja mais um objetivo a ser alcançado do que uma realidade efetiva. Tal postura está relacionada à imensa complexidade da vida social, que sempre apresenta uma dinâmica extensa e uma enorme variedade de facetas. Em contrapartida, a tarefa do sociólogo não é a de justificar a ordem social segundo seus próprios interesses e vontade, mas construir um modelo explicativo que seja capaz de dar uma noção razoável a respeito de algum tipo de comportamento coletivo, como se fosse uma fotografia, ou ainda um recorte capaz de retratar as características presentes numa determinada realidade e seu desdobramento, como se faz num filme. Nesse caso, podemos estudar, por exemplo, como a participação das mulheres no mercado de trabalho tem afetado as relações familiares e influenciado em suas expectativas e nas da família sobre o casamento, a educação e o surgimento de toda uma rede de consumo de produtos materiais e simbólicos feitos para o seu proveito. Isso sem falar em outros temas diversos, tais como: interesses político-eleitorais da sociedade contemporânea e o surgimento de associações civis relacionadas aos direitos humanos, aos movimentos sociais sobre as condições de vida dos trabalhadores, a discriminação racial, o comportamento de inspiração religiosa, a consciência e a prática ecológica, a violência e a criminalidade, a guerra, a cultura etc.

## AS CONCEPÇÕES DE ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS

Quando a Sociologia surgiu, no século XIX, herdou a influência do pensamento do francês Auguste Comte. Este autor batizou tal ciência com o nome inicial de Física Social, trocando-o posteriormente para Sociologia, que tem por função entender a ordem do mundo e cooperar com o seu progresso. A concepção de Comte foi chamada por ele mesmo de **POSITIVISMO**, porque só a ciência seria capaz de conhecer verdadeiramente a realidade, em detrimento da religião, que se baseia nas crenças e na fé, e da Filosofia, que trabalha com a especulação num nível de alta abstração. Para ele, nenhuma dessas duas formas de conhecimento teria condições de comprovar seus argumentos. Elas representariam, respectivamente, a infância e a juventude da humanidade, ao passo que a ciência, a sua maturidade. Ela possui um método que trabalha com a argumentação com base na lógica e cria, assim, as suas teorias, que são consideradas verdadeiras desde que possam ser comprovadas com dados extraídos da realidade por meio da verificação empírica.

A partir de então, tivemos a contribuição do francês Émile Durkheim e dos alemães Karl Marx e Max Weber. A influência desses autores foi e continua sendo tão forte até hoje que costumamos chamá-los de “trindade divina” da Sociologia por serem considerados os seus autores clássicos. Veremos o que eles têm a dizer sobre a vida social em geral e sobre a educação em particular (TURA, 2001).

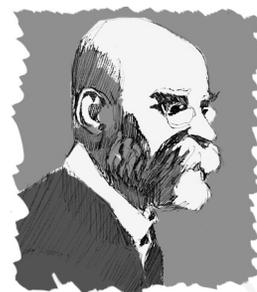
### O PENSAMENTO DURKHEIMIANO

Para Durkheim (1978 e 1984), a Ciência Social deveria estudar os “fatos sociais”, isto é, o conjunto de ações e relações que são criadas coletivamente e impõem aos indivíduos uma coerção. Segundo o autor, a vida social é regida por normas e padrões (chamados de instituições) que existem de acordo com as necessidades e interesses coletivos. Assim, Durkheim admitia que há uma preponderância do coletivo sobre o individual; logo, temos nosso comportamento determinado pelas instituições da sociedade, como, por exemplo, a moral, a religião, o casamento, a justiça, a política, a educação e o trabalho. O indivíduo é adaptado, moldado às exigências coletivas vigentes, sem as quais ele não pode viver em sociedade e realizar suas funções (por isso, essa concepção é conhecida como funcionalismo). Tais instituições existem antes de ele



#### POSITIVISMO

Sistema criado por Auguste Comte (1798-1857) e desenvolvido por inúmeros epígonos, que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas e teológicas. (Dicionário Houaiss).

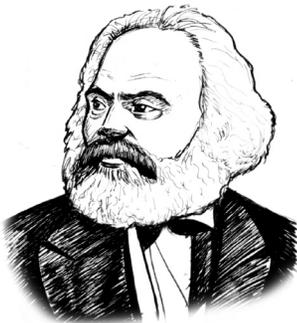


Durkheim

nascer e continuarão após sua morte, pois se organizam de acordo com a vontade coletiva e não necessitam daquilo que cada um quer, pensa e gosta para si mesmo e os demais. Até mesmo o grau de liberdade e autonomia individuais é ditado pelas normas das instituições sociais às quais ele aprende a se adaptar ao longo da vida. Caso tais normas sejam transgredidas, ele sofre as sanções, como as reprimendas, o desprezo, a punição, a prisão, o escárnio ou o isolamento.

Tudo isso existe a fim de que o sistema social funcione da maneira mais equilibrada, harmônica e controlada possível. Nesse sentido, podemos pensar a Educação como parte do processo de socialização dos indivíduos e grupos, assumindo as formas de comportamento social previstas pela ordem estabelecida e fazendo com que cada um seja parte de um todo organicamente estruturado. Em consequência, temos o desempenho de papéis como funções sociais que são representados por nós, tais como os de professor, aluno, pai, mãe, policial, soldado, chefe, marido, mulher, filho, sacerdote, juiz, artista, patrão, empregado, e vários outros que poderíamos listar aqui.

Para esse autor, cada sociedade tem necessidades e interesses próprios que possuem uma determinada configuração específica, formando a cultura na qual os indivíduos serão educados. Por isso, a educação tem o objetivo de reproduzir a cultura para socializar os indivíduos para que eles vivam de acordo com o contexto cultural. O importante aqui é assinalar que a vida social é um aprendizado, de acordo com os ditames institucionais, adaptando os indivíduos aos seus objetivos. Esparta, por exemplo, era uma sociedade guerreira, e assim educava os meninos a partir dos sete anos, formando soldados para as suas batalhas. A sociedade feudal era de base cultural voltada para o sobrenatural, daí a importância da educação com fundamentos religiosos cristãos. A sociedade industrial tem uma educação baseada na Ciência e suas diversas especializações e aplicabilidades.



Marx

## O PENSAMENTO MARXISTA

A percepção de Marx (1978 e 1984) está baseada nas relações de produção, que ele entendia como fundamentais e determinantes. Isso significa dizer que a maneira pela qual os homens organizam a produção econômica (produção, distribuição e consumo), a fim de satisfazer as

suas necessidades básicas, cria a infra-estrutura do edifício social e influencia a organização dos níveis (chamados de superestrutura), tais como o político, o jurídico e o cultural. Portanto, temos a organização de uma estrutura social (modo de produção) que se configura de modos diferentes na história da humanidade: comunismo primitivo e os modos de produção: asiático, antigo, feudal, capitalista e socialista.

Segundo Marx, se tomarmos como exemplo o capitalismo, vemos que ele possui basicamente duas classes sociais: uma classe dominante (burguesia), formada pelos empresários – que são os proprietários dos meios de produção (terra, instrumentos e técnicas de trabalho e do capital) e uma classe dominada (proletariado), formada pelos homens que têm somente a força de trabalho. Assim, a burguesia é classe dominante, antes de mais nada por um critério econômico. Por isso, ela detém o poder político, o aparato legal e a cultura como conjunto de idéias, valores e práticas que formam o modo de ser de uma sociedade, difundido por meio da família, da religião, da educação escolar e dos meios de comunicação social.

A Educação é, portanto, um instrumento para formar os indivíduos segundo a mentalidade burguesa e prepará-los com as capacidades para o trabalho que atenda aos objetivos de acumulação de capital, lucro e competitividade das empresas. Por isso, a escola é um órgão responsável pela reprodução dos valores e do saber dominante e da reprodução da força de trabalho, por meio da qualificação profissional. A vida escolar é organizada em currículos, séries e níveis desde o que conhecemos por Ensino Fundamental até o Ensino Superior, para a manutenção e o desenvolvimento do sistema socioeconômico. Este sistema é controlado pela burguesia em detrimento do proletariado, que nunca é remunerado justamente, sendo explorado pelos dominantes e privado de muitos direitos que estes possuem.

Na visão marxista, a escola é organizada para manter a desigualdade das condições de classe, pois serve a um projeto geral de dominação que se perpetua, com raríssimas possibilidades de os membros das classes dominadas aproveitarem, efetivamente, as oportunidades e chances de ascensão social. Do mesmo modo, para Marx, a maioria dos dominados não possui verdadeira consciência de sua realidade, por isso vivem de forma alienada, conformando-se à ordem socialmente estabelecida. Os homens são ensinados pela escola a ser bons cidadãos, membros da família, fiéis,

responsáveis funcionários, felizes com o aumento de seu poder aquisitivo etc., através da ideologia dominante no capitalismo, que é disseminada pelo conjunto do aparato cultural.

## O PENSAMENTO WEBERIANO



Max Weber

A terceira concepção clássica da Sociologia foi feita por Max Weber (1971), que desenvolveu uma explicação baseada no conceito de ação social. Ele as qualificou como todas as ações humanas dotadas de sentido. Este é construído pelo ator (indivíduo ou grupo) e está relacionado ao sentido atribuído por outro(s) ator(res). Neste caso, a vida social é um conjunto complexo de interações entre indivíduos e grupos que se influenciam reciprocamente na maneira de pensar e agir. Por exemplo, quando um soldado dá um tiro em alguém numa batalha, o sentido de sua ação (defender sua pátria/atacar a pátria alheia) é elaborado por si mesmo e seus companheiros, além de seus comandantes, os governantes e a população de seu país. Por outro lado, esse mesmo sentido é percebido pelos atores respectivos do país considerado inimigo, que vão estar em concordância ou em discordância em relação ao mesmo, pois nem sempre os objetivos, valores e interesses são os mesmos entre eles.

Quando um professor ensina uma determinada disciplina, ele está realizando uma ação social, que tem a ver com o(s) sentido(s) construído(s) por ele e seus colegas; por sua vez, isso está relacionado ao(s) sentido(s) atribuído(s) pelos demais atores envolvidos nesse contexto: estudantes, responsáveis, patrões, governantes, sindicatos e população. Eles estabelecerão as diversas valorações (positivas ou negativas) a tal tipo de atitude, em função de seus objetivos políticos, econômicos e culturais. Para Weber, portanto, não devemos entender ações sociais apenas como um ato de beneficência/assistencialismo, mas sim como as ações humanas que possuem sentido e reciprocidade na vida social, o que inclui até mesmo a violência, a guerra, a corrupção e todos os atos que possam vir a prejudicar outrem.

As ações sociais possuem características tais como: fins (objetivos), valores (avaliação), afetos (sentimentos) e tradições (costumes). Neste caso, podemos entender a Educação como ação social, onde ensinar ou aprender podem ser entendidos a partir dos propósitos do sistema de ensino, da apreciação do fim do conhecimento, do prestígio social, do poder e do ganho financeiro que se torna possível com a obtenção de um diploma. Podemos ainda pensar o ensino-aprendizagem segundo o



## ALGUMAS QUESTÕES SOCIOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS NA EDUCAÇÃO

As discussões sociológicas no campo educacional se encaminharam por algumas linhas. Trataremos, agora, de algumas delas, que têm maiores repercussões no Brasil e no mundo. Assim, podemos classificá-las de:

1) *Concepções funcionalistas*: justificam a maneira pela qual o sistema social capitalista deve funcionar, tal como ele tem sido ao longo dos anos, e o papel que a Educação desempenha nele.

2) *Concepções críticas*: criticam a função da escola na estrutura capitalista. Esta concepção se subdivide em: a) perspectivas reprodutivistas, b) perspectivas gramscianas, c) perspectivas frankfurtianas, d) perspectivas foucaultianas.

3) *Concepções interacionistas*: preocupam-se em centrar as análises nas interações existentes na interação entre os membros de uma comunidade e a maneira como eles constroem os significados da vida coletiva.

Para facilitar um pouco, proponho que você procure entender as concepções como os ramais e as perspectivas como os trilhos de nossa viagem de trem.

O primeiro ramal pode ser exemplificado pela concepção funcionalista, tal como foi desenvolvida por Parsons (1974). Este autor desenvolveu a sua lógica com base no pensamento de Durkheim. Nesse sentido, ele também concebe a sociedade como um sistema, que é preservado por meio da socialização dos indivíduos, adaptando-os ao conjunto de funções e tarefas sociais, estabelecidas segundo o interesse e a necessidade coletiva. Entretanto, para Parsons é importante que haja uma equivalência entre tais necessidades e aquilo que diz respeito aos indivíduos, para que exista equilíbrio entre as partes e tudo seja organizado com a maior harmonia possível. O resultado é que a sociedade passa a ter que prover as oportunidades e chances aos seus indivíduos através da educação, que é capaz de aprimorá-los e qualificá-los para o exercício das funções do sistema do mesmo modo que para o seu próprio bem-estar. O raciocínio educacional parsoniano está vinculado à “teoria do capital humano”, tal como foi elaborada por Becker (1964) e Schultz (1973). Para eles, importa que o sistema de ensino forme os recursos humanos qualificados para contribuir com o crescimento

econômico do sistema social. Isto significa dizer que não bastariam apenas o investimento financeiro e a força de trabalho para garantir tal crescimento. É necessário agregar um “terceiro fator”, ou seja, a Educação. Daí, toda a valorização da qualificação profissional feita pelo sistema de ensino, cuja tarefa é a formação do “capital humano”. O investimento em Educação beneficiaria não apenas o indivíduo, mas também o setor público e o setor privado, pois formaria os recursos humanos de que tais setores necessitam para funcionar.

Este modo de pensar a Educação é a justificativa para que o Estado invista na estrutura de ensino e contribua para que o sistema econômico capitalista possa ser benéfico para os indivíduos e para a coletividade ao mesmo tempo. O resultado é a geração de lucro para o empresário e o bem-estar para os trabalhadores (FREITAG, 1981). Assim, utilizando-se das oportunidades e chances dispostas no sistema, conforme disse Parsons, os indivíduos podem exercer a sua liberdade de escolha e alcançar seus objetivos, sem que isto possa comprometer o funcionamento do sistema como um todo. Por esta razão, tal maneira de pensar é bastante difundida pelo liberalismo econômico e político que orienta a sociedade capitalista em que vivemos.

O segundo ramal é o das concepções críticas, pois estão em desacordo com o tipo de sistema social que existe em nossa realidade. Como dissemos, este ramal se subdivide em trilhos. O primeiro é o chamado reprodutivismo. Ele tem origem no pensamento de alguns autores marxistas franceses, como Althusser (1992), Establet (1990) Passeron e Bourdieu (1992). Esses autores analisaram a função da escola e do sistema de ensino na sociedade a partir da idéia de que ela é um fator essencial para que a estrutura social se mantenha como tal. Isto significa dizer que a sociedade capitalista, com a sua divisão em classes sociais, necessita da escola, assim como de outras organizações para se manter. A finalidade da escola é a de reproduzir a cultura da sociedade, que é controlada pela ideologia da classe dominante. Assim, a importância da instituição escolar é a de assegurar que a divisão de classes continue por meio da conformação das mentalidades dos indivíduos e grupos ao sistema. Ela é a instituição que os qualifica profissionalmente para trabalhar para os empresários, gerando para eles lucro e acumulação de capital. Mesmo que muitos estudem para melhorar a sua condição

social, a mobilidade está restrita aos poucos que obtêm sucesso escolar/profissional, saindo da classe baixa para a classe média ou alta. Neste caso, a escola serve para reproduzir o privilégio dos já privilegiados e manter a situação dos desprivilegiados, não modificando a estrutura fundamental do sistema capitalista.

O segundo trilha é o pensamento do italiano Antônio Gramsci (1978), que analisou a relação entre a sociedade política, a sociedade civil e a base econômica. Assim como Marx, ele admite que a infraestrutura influencia a superestrutura: as leis, o poder e a cultura sofrem a influência dos interesses da classe dominante. Isto se dá por intermédio da religião, da família, dos meios de comunicação e da escola, que reproduzem a estrutura do sistema capitalista. Até aqui, Gramsci não se diferencia dos autores reprodutivistas. Entretanto, ele admite que há lacunas e falhas na dominação burguesa. Isto significa que a hegemonia (capacidade de direção, condução e controle) dominante pode ser contestada, questionada e contraposta pela ideologia da classe dominada. Por isso, é possível pensar a Educação não apenas como reprodução ideológico-cultural e econômica, mas também como um processo de formação e conscientização dos dominados sobre a sua verdadeira condição social, para que possam, como classe, transformá-la e chegar a uma nova forma de estrutura social, que para ele seria o socialismo (um tipo de sociedade igualitária, sem exploração e dominação de uma classe pela outra, em que a justiça e a liberdade existiriam de um modo pleno). Por isso, a mesma escola que contribui para alienar, manipular e formar o trabalhador que será explorado é a instituição que ajuda na invenção de um novo tipo de vida, transformando a realidade social de uma realidade injusta e desigual. Os trabalhadores passariam a ser sujeitos da História e não meros coadjuvantes; teriam uma formação que de fato fosse educacional, no sentido cultural, contribuindo para que eles fossem efetivamente seres plenos, criativos e livres.

O terceiro trilha é o da Escola de Frankfurt. Esta combina a herança reflexiva do Iluminismo e a tradição do pensamento alemão com um pouco de inspiração marxista, mas não aposta numa transformação social tão profunda para o socialismo, tendo como protagonista o proletariado. Pelo contrário, autores como Adorno e Horkheimer (1986) demonstraram como os trabalhadores são manipulados e cooptados pela influência da indústria cultural (a cultura de massa), por meio da televisão, do cinema,

do rádio, a partir da publicidade e da propaganda e dos programas de entretenimento e das notícias que eles veiculam, conforme você já viu quando abordamos a função dos meios de comunicação.

Assim, o que chamamos hoje de “mídia”, de escola e de família é responsável por um estilo de vida no qual o trabalho, a produção, o lazer, a informação e o conhecimento são mercadorias (bens simbólicos e materiais), produzidas e consumidas de maneira que proporcionem a ilusão de que vivemos no melhor dos mundos, simplesmente porque podemos estudar e trabalhar com o intuito de consumir os produtos que representam, para muitos, a felicidade, o bem-estar e a liberdade. Um integrante do pensamento frankfurtiano que tinha uma visão um pouco mais otimista era Walter Benjamin (1978), pois ele acreditava que, apesar dos problemas, a cultura massificada e reproduzida pelos meios de comunicação poderia ajudar a elevar o nível de conscientização e conhecimento da população e impulsioná-la a mudar a realidade social (PUCCI, 1995).

Em geral, a crítica dos pensadores frankfurtianos está em demonstrar que esse modo de vida não é a realização plena e automática, mas sim uma submissão aos padrões estabelecidos pela classe dominante. É ela que controla todo esse ciclo, produzindo e vendendo bens e serviços que os indivíduos compram incessantemente nos *shoppings centers*, pois eles são associados à beleza, ao charme, ao prazer, ao amor, ao sucesso e a tudo que existe de bom na vida. Assim, sem perceber que são escravizados pelo sistema, que os condena a viver para consumir, e não o contrário, os indivíduos acreditam que vivem no melhor dos mundos.

Aqui a Educação é pensada como um mecanismo de conformidade a tal situação, pois os indivíduos estudam para “chegar lá”, alcançar um padrão de consumo considerado invejável. A ideologia capitalista de consumo de massa penetra nas mentes e se materializa nos corpos e ações dos indivíduos e grupos sociais e não tem relação com a sua finalidade essencialmente cultural, formadora da consciência reflexiva e questionadora, que é capaz de levar a sociedade à emancipação. A Educação, então, serve muito mais para a criação de trabalhadores-consumidores – que buscam o prazer, mas que são dominados pela publicidade/propaganda e pelo entretenimento alienante da indústria cultural – do que para a criação de uma civilização emancipada. O resultado não é o saber, mas a instauração da barbárie social e cultural.

O quarto trilha da concepção crítica é o pensamento foucaultiano, isto é, dos autores sob a influência do francês Michel Foucault (1992) (1977), também chamada de pós-estruturalista, ou para alguns de pós-moderna, concepção esta menos preocupada com a dominação na esfera macrossocial (1995). Esta corrente está mais atenta em analisar as relações no âmbito microssocial, isto é, nas microrrelações existentes entre os indivíduos e grupos e que funcionam no interior das organizações sociais, como a família, a escola, a igreja, o hospital, o presídio etc. Nesses lugares, há relações de poder entre seus membros, que servem para disciplinar, controlar e manipular os indivíduos por meio de saberes e práticas determinados por um certo tipo de ordenamento social. A sua ênfase está em analisar como as instituições sociais fabricam os indivíduos, grupos (entendidos como sujeitos) que são sempre submetidos aos seus interesses e objetivos. Nesse sentido, podemos perceber como existe um discurso sobre si mesmo e sobre os outros, em que são concebidas e atribuídas determinadas noções de verdade para classificar e justificar um tipo de comportamento. Isto faz com que a Educação possa ser percebida como um mecanismo de produção de sujeitos (professores, estudantes, administradores) através da construção de “tecnologias do eu” (LARROSA, 1995), próprias para cada contexto, com papéis considerados adequados para o seu funcionamento. Entre esses sujeitos, existem as relações de poder que funcionam a fim de conformá-los e adaptá-los à ordem ou se constituir numa máquina de produção de resistências ao que está imposto e estabelecido pelas normas. Desse modo, existe o poder do professor, o poder dos estudantes e dos responsáveis, assim como o dos administradores e o do governo, que servem para vigiar e punir ou premiar, respectivamente, os inadaptados e os adaptados. Por isso, muitas vezes pensamos que as escolas e a sua arquitetura parecem mais prisões, quartéis e linhas de produção em larga escala de uma fábrica, utilizando-se dos conhecimentos e suas aplicações para dominar não só a alma, mas também o corpo dos indivíduos.

Também no currículo escolar há todo um saber pedagógico que se especializa em estabelecer o domínio daqueles que fazem parte da escola. Tal saber está fundamentado de maneira filosófica, científica e técnica, a fim de produzir indivíduos (docentes, discentes etc.) para exercerem papéis que sejam considerados dóceis e úteis para o sistema social.

Em contrapartida, as relações de poder também possibilitam que se formem estratégias de atuação capazes de promover transformação da situação vigente. Ainda que o alcance da mudança seja pontual ou local, os sujeitos podem ligar-se a outros numa rede de relações que trabalhem em prol da contestação e da resistência. Isso pode ocorrer no próprio espaço escolar ou em outros locais, onde estão outras escolas e organizações sociais. Assim, é possível criar uma “arena” favorável à libertação dos sujeitos na medida em que se encontram concretamente, isto é, no seu contexto social. Devemos ainda lembrar que na concepção foucaultiana não há verdades universais ou objetivos gerais que devam ser comuns aos sujeitos; tampouco uma verdade única que valha para todos. Isto é o que torna a luta política constante, interminável, incrivelmente rica e criativa para minar as estruturas institucionais.



### ATIVIDADE

2. Escolha uma das diversas concepções críticas apresentadas na aula e relacione-a ao relato de uma situação existente na escola pública ou na escola privada. Você poderá encontrar alguma situação nos artigos publicados na imprensa escrita ou eletrônica.

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



O nosso terceiro ramal sociológico é a concepção interacionista. Ela trabalha com as relações existentes entre os atores sociais, conforme mencionamos anteriormente, pois é derivada do pensamento weberiano, e passou a ser adotada por um conjunto de analistas conhecidos como Escola de Chicago. De um modo geral, os muitos autores que a adotam não têm críticas tão profundas ao sistema capitalista como os autores de influência marxista. Por isso, esta concepção é bem vista pelos adeptos do liberalismo político e econômico, doutrinas que fundamentam o capitalismo, com bastante repercussão nos EUA e na Inglaterra.

Para os interacionistas, o mundo social é visto como palco, circo, arena onde existem associações harmoniosas e conflituosas entre os atores sociais. Isso serve para o analista compreender como as diversas representações sobre a escola são construídas nas relações cotidianas entre os envolvidos. Nesse sentido, podemos estudar como, numa comunidade escolar, os estudantes, professores, administradores e responsáveis definem a situação em que se encontram e o que fazem ou deixam de fazer em nome disso.

Aqui, é importante notar que tipo de interação existe no interior de uma unidade escolar ou de uma sala de aula. Nenhuma delas é uma caixa-preta indevassável, mas um lugar de reciprocidade, negociações, consensos e dissensos, obedecendo aos modos de padronização das normas da sua resistência.

Podemos ainda perceber, por meio do que é chamado de “efeito Pigmaleão” como é a visão dos atores sobre o ensino-aprendizagem, como vêem a carreira e as perspectivas de sucesso e fracasso no interior do sistema de ensino ou ainda de que modo os rótulos são construídos de maneira a classificar o desempenho do bom e do mau professor ou estudante. Neste sentido, também observamos os indivíduos que reúnem uma série de condições para se adaptarem às regras do jogo, ou os que ficarão de fora da consagração do mérito escolar, que é capaz de promover o indivíduo a uma situação de prestígio e valorização diante dos outros. Esta perspectiva também é conhecida como etnometodologia, fazendo com que os educadores possam desenvolver pesquisas de campo para avaliar como o raciocínio dos indivíduos e grupos é materializado por eles em suas ações, como escolhem as suas estratégias de atuação e tentam contornar as dificuldades, de acordo com a personalidade

(sentimento e razão) ou o contexto coletivo. Assim, é válido pensar assuntos relacionados à Educação e orientação vocacional, às relações de gênero entre professores e estudantes, às relações de cultura familiar, formação religiosa ou diferenças étnico-culturais (COULON, 1995).

## A NOVA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Nas últimas décadas do século XX o debate sociológico de idéias criou o termo “Nova Sociologia da Educação” (NSE) para denominar um campo de estudos onde as trilhas de análise se misturam um pouco entre si.

Com isso, alguns autores passaram a admitir, por exemplo, que a influência crítica do marxismo poderia ser analisada juntamente com a contribuição do interacionismo e da etnometodologia. Isto significa que podemos estudar a desigualdade social e seus efeitos perversos na educação das camadas populares não somente por meio da estrutura socioeconômica, mas também a partir da percepção dos indivíduos e grupos mais pobres. Dessa maneira, é possível compreender como estes entendem o tipo de ensino escolar ministrado e as expectativas que têm sobre si mesmos, sua família e seus educadores. Neste sentido, pode-se identificar que tipo de estratégias e interações eles constroem no cotidiano para resistir às imposições do sistema social por meio da instituição escolar (FOURQUIN, 1995; WILLIS, 1991).

Uma ênfase importante da NSE foi a discussão do currículo feita por Young (2000), que passou a interpretá-lo como um artefato cultural que se constrói nas relações sociais por intermédio de formas de controle e da imposição de saberes que são considerados mais rentáveis e legítimos do que outros. Do mesmo modo, Apple (1982) passou a analisar como o currículo está carregado de uma ideologia que impõe, de forma sutil e eficaz, a maneira de se entender o conhecimento e a sua finalidade.

A NSE passou a dar ênfase também à vida de subculturas relacionadas a gênero, etnia e demais identidades sociais que são construídas, reforçadas ou desqualificadas no interior do espaço cultural e escolar. Com isso, podemos compreender como funcionam os fatores de atribuição de valores e as práticas que fazem com que tais subculturas passem a ter sucesso/fracasso na vida escolar. Este aspecto dos elementos pertencentes aos hábitos, costumes e comportamento recebeu o nome genérico de “estudos culturais”, que tem bastante ajuda da Antropologia e

são muito importantes para entender como e até que ponto funcionam as regras de respeito à diversidade cultural e à cidadania nas representações dos vários grupos sobre si mesmos e sobre as organizações que possuem alguma relação com eles, como a família, as igrejas, a mídia, a escola etc. (MOREIRA & SILVA, 1994; HALL, 2004; MC LAREN, 2001).

Com o fenômeno da globalização cultural, esse tipo de análise passou a ganhar uma força considerável, por causa do maior contato harmônico ou conflituoso de distintas influências culturais. Este é o caso, por exemplo, de mulheres, negros, latinos, indígenas, homossexuais, asiáticos, camponeses, minorias religiosas, portadores de deficiência, ciganos, grupos urbanos de jovens, idosos e crianças, além de grupos profissionais, artísticos, desportivos etc.).

Enfim, há uma enorme possibilidade de estudo no campo sociológico da Educação, que se torna cada vez maior pela complexidade e a dinâmica dos processos sociais atuais. Eles aprendem a compreender melhor quem somos nós e quem são os outros com quem convivemos ou poderemos conviver algum dia; o que queremos e o que podemos fazer na vida coletiva. Há fascinantes dimensões, mundos e estilos de vida que podemos explorar para conhecermos mais do que sabemos e do que não temos nenhuma noção. Dessa maneira, podemos viajar pelos trilhos que muitos percorreram, ou, como já dizia o capitão Kirk, da série de televisão e cinema *Jornada nas estrelas*, podemos ir “onde ninguém jamais esteve”.

## ATIVIDADES FINAIS

1. Quais as principais diferenças nos fundamentos da Educação, segundo o pensamento clássico?
2. Como é possível pensar a relação da escola e da qualificação para o trabalho no caso da realidade brasileira?
3. Que tipo de cultura o currículo escolar transmite no caso da escola pública ou da escola privada?

Elabore suas respostas nas linhas abaixo e leve ao pólo para discutir com seu tutor.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### RESUMO

Existem três grandes pensadores clássicos na elaboração sociológica em geral, cujas visões foram também aplicadas à Educação: Durkheim, Marx e Weber. O pensamento deles influenciou o século XX em três grandes concepções sociológicas que são utilizadas para analisar a Educação: a concepção funcionalista, a concepção crítica e a concepção interacionista. A Nova Sociologia da Educação é uma decorrência dessas concepções, fazendo um certo tipo de cruzamento entre elas para tratar dos temas como o currículo, o sucesso/fracasso escolar, as identidades culturais e os papéis existentes no universo educacional.



## Comunicação e memória

AULA

# 26

### Meta da aula

Apresentar algumas concepções sobre memória para que seja compreendida sua importância no viver cotidiano.

## objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Identificar a noção de memória.
- Distinguir as noções de memória individual e memória coletiva.

## INTRODUÇÃO

Quando nos referimos à memória, ou melhor, quando queremos nos lembrar de alguém ou de alguma coisa, mergulhamos no tempo. Por vezes, o passado é trazido para o presente quase que instantaneamente. Outras vezes, mergulhamos na ausência e na impossibilidade de recuperar a recordação que desejamos. Na língua portuguesa, usamos comumente a expressão “deu um branco”, o que pode sugerir que a lembrança desejada misturou-se com muitas outras e se perdeu. Para explicar melhor o uso dessa expressão, sabemos que a cor branca é o resultado da mistura de todas as cores. Portanto, “dar um branco” pode ser interpretado não como uma perda, mas como uma transformação sofrida por uma lembrança. Ela poderá retornar num momento inesperado, como num sonho, ou se despedir sem dizer adeus. Segundo Aristóteles, o tempo é a morada da memória.

Se prestarmos atenção nos lançamentos de livros, nas revistas de divulgação e nos filmes, constatamos que, atualmente, há uma preocupação com relação a temas que envolvem o interesse pela memória.

O aumento da longevidade dos seres humanos tem nos mostrado algumas doenças que são características da idade avançada, tais como a perda da memória recente. Ao mesmo tempo, convivemos com uma imensa produção de novos conhecimentos que traz à tona e torna importante a discussão sobre a vida e as relações entre as pessoas, assim como o valor da capacidade de recordar-se.

## UM MUNDO VIRTUAL

No mundo em que vivemos, o computador tornou-se um recurso técnico por meio do qual o homem contemporâneo encontra um suporte concreto para o registro e o arquivamento de diferentes tipos de documentos de caráter coletivo ou individual. Tornam-se cada vez mais conhecidos os *chats* – debates e conversas virtuais **SÍNCRONAS** – e os *blogs* – diários pessoais **ASSÍNCRONOS** tornados públicos na internet. Por meio desses recursos, podemos nos comunicar com pessoas que estão do outro lado do mundo em questão de segundos.

O que era feito por meio do papel, um suporte material utilizado durante séculos pelos homens, transforma-se rapidamente, hoje em dia, em suporte virtual. O acesso e o envio de documentos, textos e a comunicação interpessoal realizam-se através da internet, ou seja, sem a necessidade do papel, do lápis ou da caneta, potencializando o valor

### SÍNCRONO

Acontece em tempo real.

### ASSÍNCRONO

Algo que acontece em um tempo diverso.

das linhas telefônicas, dos satélites e do cabo como meios de conexão entre computadores e seus usuários. Deslocamo-nos menos, e nossa presença física parece cada vez menos necessária para termos acesso às informações, enquanto as imagens ganham uma importância nunca antes verificada na história da humanidade.

Estamos cercados de imagens por todos os lados, com a televisão, a publicidade, a presença crescente dos telefones celulares com tela (eles se tornam, cada vez mais, pequenos computadores de bolso), as máquinas fotográficas digitais (cujas imagens podem ser impressas em casa, em nossos computadores) e, evidentemente, o computador, máquina que vem adquirindo um papel central na sociedade contemporânea. Todos esses acontecimentos têm sido possíveis por conta do desenvolvimento de técnicas de miniaturização sofisticadas que permitem o armazenamento de um sem-número de informações. Sendo assim, o senso comum se vê tentado a confirmar a idéia de que o computador é uma extensão da memória humana. Tal noção não deixa de ser verdadeira até certo ponto. Há muito tempo deixou de ser possível armazenarmos fisicamente todos os conhecimentos que a humanidade produz. Para preencher tal limitação, foram criadas as bibliotecas e os arquivos. Por meio dos computadores, disquetes e CDs, deu-se um grande salto de qualidade, não apenas no armazenamento, mas também na capacidade de recolher e ter acesso às informações que circulam em todo o planeta.

Sendo assim, vale a pena perguntar: nossa memória, assim como as bibliotecas e arquivos, é um simples “depósito”? A memória humana se constitui de um simples acúmulo gradual de lembranças? E, finalmente, por que esquecemos? Seria o esquecimento uma “doença” da memória? Como seria a vida sem memória? Como seria a vida sem o esquecimento?

### ATIVIDADE



1. Vamos brincar de imaginar? Feche os olhos e imagine que você está em sua casa e, na televisão, um repórter anuncia um fato que vai mudar o mundo: “Esta é nossa última transmissão. Está decretado o fim da comunicação por todos os meios digitais, eletrônicos e impressos. Só nos restam nossa voz, nossos gestos, nossa fala. Boa noite e adeus!”

Após receber essa notícia, o que você faria primeiro? Como, em sua opinião, se daria a comunicação entre as pessoas? Como você imagina que seria sua vida sem livros, jornais, televisão, cinema, rádio ou computador?



Mnemósine é filha do Céu (a Luz) e da Terra (a Escuridão, que em grego é *oblivion*). Mulher de belos cabelos por quem Zeus se apaixonou, ela tornou-se a mãe de todas as **Musas**. Foi a quinta mulher com quem Zeus se deitou em seu leito sagrado durante nove noites. Um ano após, nasceram suas nove filhas.

As Musas habitam o alto do Olimpo e lá dançam e cantam junto a Apolo, deus da Beleza, da Luz e das Artes. Elas são as fontes de inspiração dos homens e cantam para os seres presentes, futuros e passados. As Musas, filhas do poder de Zeus e da Memória, são as palavras e os cantos oferecidos como presentes e reveladores da luz. No entanto, elas têm o poder de instaurar o esquecimento quando o desejam. A memória e o esquecimento são as duas faces da mesma deusa cujas filhas, quando amam alguém, aliviam as aflições do ser amado, apaziguando suas angústias com suas canções, palavras e danças.

Na *Teogonia*, a Memória aparece como a possibilidade de recuperar o passado. No entanto, a volta ao “passado” pode ser duvidosa, já que as Musas também têm o poder de criar fatos similares (*similis*) às verdades, e daí as idéias brotam ricas em imaginação, em ficção, em utopia. Sendo assim, a memória e a imaginação são, muitas vezes, difíceis de serem distinguidas, pois tal segredo residiria nos saberes das Musas.

Mnemósine pertence ao domínio da Luz tanto quanto ao da escuridão, ou seja, do que é revelado e do que está oculto, o que nos faz afirmar que a memória tanto revela quanto obscurece ou esconde.



Figura 26.1: As musas e as artes.

### ATIVIDADE



2. Você já deve ter se dado conta de como a memória nos prega peças! Quantas vezes tentamos nos lembrar de alguma coisa e não conseguimos, mas num outro momento o fato desejado vem à nossa mente. Pense nas vezes em que desejou ardentemente poder esquecer algo que o fez sofrer, mas ele estava presente, sem querer sair de perto. Você já pensou nas vezes em que esteve num ambiente agradável e prazeroso e, sem mais nem por quê, começou a se lembrar de fatos há muito esquecidos? Registre nas linhas abaixo o que você tem lembrado com prazer e o que você quer esquecer. Em seguida, converse com seus colegas de pólo e compare suas respostas. Veja só como as Musas brincam conosco!

#### COMENTÁRIO

*Naturalmente, fatos que você lembra ou deseja esquecer podem ser vivências íntimas, e o diálogo com seus colegas pode não ser conveniente. Portanto, decida se você quer estabelecer essa troca. O importante é perceber o quanto as lembranças tocam nossas emoções.*

## EM TORNO DA MEMÓRIA

A memória pertence a uma esfera que não oferece uma clara visibilidade. Ela é confusa, por vezes misteriosa, e nos obriga a trilhar percursos que não são conhecidos *a priori*. A memória é semelhante a um labirinto, cheia de caminhos possíveis, que às vezes nos confundem, e por onde podemos nos perder. Além disso, por se mostrar duvidosa e múltipla é, também, responsável pelo que os homens criam, pois as criações não deixam de ser, sob certos aspectos, recordações reinventadas. Na língua portuguesa, usamos a palavra "recordação", que é muito significativa: *trazer do coração*. Sendo assim, toda lembrança tem um caráter afetivo.

Lembramo-nos de nossa infância, das brincadeiras que costumávamos fazer com os amigos, de viagens ou passeios com nossos pais e irmãos. Lembramo-nos de nossos avós, que muitas vezes foram importantes durante nossa infância. No entanto, não somos capazes de lembrar de seus rostos. Restam-nos impressões pouco precisas, como num quadro impressionista, cujos contornos são difusos e as cores suaves.

Não podemos exigir precisão absoluta de todas as recordações, simplesmente porque isso não é possível para nossa memória. Se relatarmos a alguém tudo o que se passou conosco durante a manhã do dia em que estamos, faremos isso no máximo em meia hora. Lembrar de tudo, em seus mínimos detalhes, é impossível. Dir-se-ia até que é inumano.

A memória lembra, mas, principalmente, a memória esquece.



Jorge Luis Borges, famoso escritor argentino, produziu um conto no qual o personagem principal tornou-se, em um acidente, uma pessoa incapaz de esquecer. Procure no livro *Ficções*, deste autor, o conto intitulado "Funes, o memorioso". Além de ser uma pequena jóia literária, ele nos propõe uma reflexão sobre a importância do esquecimento. Verifique na internet o site [www.cfh.ufsc.br/~wfil/funes.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/funes.htm).

Procure, também, ler os textos de Ivan Izquierdo, pesquisador argentino radicado no Brasil e que se dedicou aos estudos sobre a memória. Veja o site [www.ufmg.br/online/arquivos/IZQUIERDO.pdf](http://www.ufmg.br/online/arquivos/IZQUIERDO.pdf).

### ATIVIDADE



3. Indique qual a resposta que melhor reflete nossa aula sobre memória.

- a. ( ) A memória só pode ser verificada na vida adulta e é um esforço para se recuperar o passado.
- b. ( ) A memória individual é chamada *memória-hábito*, e a memória coletiva é chamada *memória-souvenir*.
- c. ( ) A memória pode nos esclarecer, nos confundir e tem uma forte ligação com a imaginação.

A partir do que foi estudado nesta aula, justifique a resposta que você escolheu. Elabore seu texto nas linhas abaixo:

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

**RESPOSTA COMENTADA**

Opção correta: C.

*Toda recordação é uma reinvenção do que foi vivido no passado. Ao recuperarmos uma lembrança, nós o fazemos no momento presente, já tendo passado por novas situações, novas vivências e conhecimentos. A intensidade com a qual vivemos o passado nunca será a mesma, pois os espaços, as dimensões e as pessoas ligadas àquilo que recordamos são sempre atualizados.*

**MAURICE HALBWACHS**

Sociólogo francês que viveu entre 1877 e 1945, tendo escrito inúmeras obras sobre a memória. A ele devemos a expressão “memória coletiva”. Foi um intelectual de grande importância e marcado pela experiência de ter vivido as duas Grandes Guerras do século XX.

**A MEMÓRIA COLETIVA**

**MAURICE HALBWACHS** apresenta novas idéias ligadas à memória. Ele propõe que a memória não apenas existe no plano individual, mas deve ser entendida como uma expressão da vida coletiva. Assim, ele constrói uma sociologia da memória. Ele afirma que não vivemos sós. Mesmo o que vimos e vivemos sós, é com os outros que podemos melhor lembrar. Se reencontramos um amigo que não vemos há algum tempo, lembramo-nos dos fatos revivendo-os juntos mais fortemente, já que não estamos mais sozinhos para representá-los. Ao chegar a Londres, Halbwachs conta, em *A memória coletiva*, que ali passeava como se estivesse junto a Dickens, pois havia lido seus livros durante a infância. A cada passo ele se dá conta de que percebe a presença de arquitetos, pintores e romancistas que estavam nos romances de Dickens. “Outros homens tiveram suas lembranças em comum comigo. Eles me ajudam a lembrar; para melhor recordar, volto-me para eles...” (p. 54). Para este autor, as pessoas com as quais vivenciamos um mesmo fato tornam-se, para nós, testemunhas que nos ajudam a fortalecer, confirmar e completar um acontecimento cujas circunstâncias são, por vezes, incompletas ou obscuras. Nós partilhamos idéias e maneiras de pensar com grupos de amigos e de conhecidos, o que faz com que elas pertençam a todos aqueles que viveram juntos um mesmo acontecimento. Sendo assim, recordar-se tem um caráter coletivo.

## CONCLUSÃO

A memória é, portanto, individual e coletiva. Ela é individual porque se dá em cada um de nós e é coletiva porque partilhamos com as pessoas próximas o que vivemos, entrelaçamos com elas partes – pequenas ou grandes – de nossas recordações a fim de reconstruí-las. No entanto, é importante considerar que as lembranças não podem ser tomadas como uma perfeita e idêntica imagem do passado. Os fatos vividos no passado, quando recuperados por nós, serão sempre reinterpretados, já que aqui e agora não somos os mesmos e teremos adquirido novas maneiras de olhar o mundo. Perceberemos o que há em volta, entenderemos quem somos e, enfim, iremos nos relacionar com o próximo de novas maneiras. Basta pensar, por exemplo, que se voltarmos depois de alguns anos a uma localidade onde estivemos durante a infância, ela nos parecerá muito menor. Sendo assim, os espaços, que são sempre psicológicos, são redimensionados e nos provocam um sentimento de estranheza aliado ao de reconhecimento.

A memória é dúbia, pois ela nos faz reviver diferentes emoções quando reconhecemos e recordamos, mas ela também provoca inquietação e dúvida, já que nem sempre se apresenta no momento em que dela precisamos ou que aquilo de que lembramos não “coincide” com o que revemos.

A contribuição de Halbwachs é importante para entendermos que a memória não é um fenômeno equiparável a um arquivo. A memória é recuperada não apenas por meio de nossas recordações (que nem sempre vêm quando desejamos), mas também por meio do diálogo e da troca com nossos semelhantes.

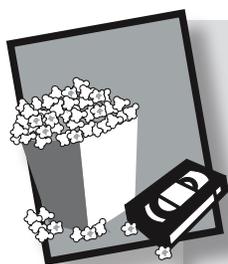
### RESUMO

Mnemósine e as Musas, suas filhas, nos mostram que já se pensava sobre a memória na Grécia Antiga. Através desse mito grego constatamos que a memória tem um caráter único e múltiplo, assim como é sempre uma (re)apresentação do passado. A memória também necessita do outro mostrando que é coletiva. Nessa medida, ela é menos um arquivo, como o senso comum a considera, e mais uma reconstrução do que vivemos.

## ATIVIDADE FINAL

Verifique se com esta aula você ampliou a noção que tinha sobre memória. Você a considerava como um arquivo ou um computador cujo fim seria o de serem preenchidos com informações? Você compreendeu bem a importância da memória coletiva como uma via para conhecermos melhor o passado (nossa história individual ou coletiva)? Ficou suficientemente claro que a recuperação de nossas histórias (individuais e coletivas) fica mais rica quando podemos ouvir e trocar recordações com as outras pessoas?

Pois bem, proponho agora um desafio: entrar em contato com sua memória individual e coletiva. Cavar lembranças. Faça uma pequena lista de fatos que foram importantes em sua vida e que ocorreram na cidade em que você mora. Com essa lista em mãos, retorne aos locais em que esses fatos ocorreram, converse com as pessoas que estiveram com você (familiares, amigos, pessoas de outras gerações) e registre suas lembranças individuais e coletivas. Se possível, tire fotos, grave entrevistas e (re)construa sua memória. Procure, ainda, relacionar essas lembranças à memória histórica de sua cidade. Ao final, elabore um relatório em que conste toda documentação que você tiver conseguido (fotos, relatos de experiência, entrevistas etc.) e o apresente a seu tutor para avaliação.



### MOMENTO PIPOCA

Se você puder, procure ver os filmes *Brilho eterno de uma mente sem lembrança*, do diretor Michel Gondry, e *Amnésia*, do diretor Christopher Nolan. O primeiro deles conta uma história ficcional de um homem que procura apagar as lembranças de sua vida que o faziam sofrer. Trata-se de uma comédia romântica cujo ator principal é Jim Carrey. O segundo conta como um homem sobrevive sem que possa lembrar o que acontece com ele, sendo o ator principal Guy Pearce.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, iremos tratar sobre a memória e a Educação, levando em conta a noção de memória coletiva, aqui tratada, e o papel do esquecimento.

## Memória e Educação

# AULA 27

### Meta da aula

Discutir o papel da memória no processo ensino-aprendizagem.

## objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Estabelecer a relação entre memória e cultura.
- Distinguir a memória como processo contextualizado e memória como processo "mecanizado".

## INTRODUÇÃO

Você se lembra das cantigas de roda que costumava cantar com outras crianças no pátio da escola ou durante as brincadeiras nas calçadas perto de casa? Você se lembra das regras para jogar amarelinha ou pique-esconde? Provavelmente, a resposta é sim. Você se lembra de ter feito algum esforço para memorizar as letras e regras dessas brincadeiras? Provavelmente, a resposta é não. A que fatores podemos atribuir tais respostas? A facilidade com que podemos recordar fatos de nossa infância pode estar associada ao fato de estarmos mergulhados em uma situação na qual o prazer e a interação com os amigos eram importantes, talvez os melhores momentos que podemos recordar. Os adultos não estavam presentes para interferir, e a brincadeira criava situações nas quais as novidades consistiam em curiosidade e desafio. Aprender e lembrar novas regras e atividades não exigia que tivéssemos de recorrer a anotações para que as decorássemos. Nem havia o risco de esquecer. Caso isso acontecesse, era só perguntar, pois sempre haveria alguém pronto a dizer o que era necessário. O erro, portanto, não se constituía em objeto de punição ou de reprovação.

Por que podemos, enfim, nos lembrar, já adultos, de letras e canções de nossa infância, depois de tanto tempo? Por que esquecemos tantas coisas aprendidas na escola?

## RECORDAR E ESQUECER: PROCESSOS QUE NOS AJUDAM A VIVER

Para melhor discutir tal proposição, vamos levar em consideração o trabalho da Antropologia, que nos oferece conhecimentos muito interessantes sobre o lembrar e o esquecer.

Marc Augé é um antropólogo francês contemporâneo que se dedica a estudar a sociedade ocidental e suas características particulares. Ele agrega a tal discussão seus conhecimentos adquiridos como pesquisador na África, onde permaneceu por anos. Dentre outros livros que escreveu, existe um particularmente dedicado à reflexão sobre a memória e o esquecimento: *Les formes de l'oubli* (As formas do esquecimento). Nele encontramos o seguinte comentário:

(...) os relatos são sempre o fruto da memória e do esquecimento, de um trabalho de composição e de recomposição que traduz a tensão exercida pela expectativa do futuro sobre a interpretação do passado” (1998, p. 55).

A palavra *tensão* nos faz pensar em algo que pode se romper. A tensão tem a ver com um esforço intelectual – a concentração – ou a tensão do espírito – a atenção. Sendo assim, a memória e o esquecimento, tanto quanto o passado e o futuro, podem ser pensados como elementos elásticos que requerem concentração e atenção. Eles estão sempre juntos, em frágil equilíbrio. No entanto, a memória tem um caráter mágico, quase inexplicável, que é a presença do passado no presente. Além disso, o esquecimento é, também, enigmático. Todos os humanos lembram e esquecem. Lembramo-nos, num instante, o que há pouco parecia impossível de ser recuperado. Esquecemo-nos do que parecia de imensa importância. Ao mesmo tempo, não é possível dizer “esqueça”, já que tal ordem impossibilita o que ela mesma determina.

## MEMÓRIA E CULTURA

A contribuição que a Antropologia tem nos oferecido é a de podermos reconhecer a memória e o esquecimento como processos não apenas individuais mas, também, relativos àquilo que se refere às vivências coletivas que compõem os ritos de uma determinada cultura. Marc Augé nos aponta três formas de esquecimento que se manifestam em práticas culturais.

1) O *retorno*: seu propósito é o de “...recuperar um passado perdido esquecendo o presente e o passado recente – que confundimos facilmente – para restabelecer uma continuidade com o passado mais antigo...” (p. 76). O candomblé, no Brasil, nos faz reconhecer essa forma de esquecimento. Em seus ritos, as entidades míticas dominam as pessoas por meio da música, que adquire um ritmo que se intensifica gradualmente, durante um período de tempo. As pessoas presentes no terreiro dançam até uma tensão máxima, transformando-se nas entidades africanas trazidas pelos escravos durante a colonização. Todos sabemos da importância política e social das mães-de-santo.

2) A *suspensão*: refere-se à suspensão do passado e do futuro. É uma experiência que permite um jogo de inversão, como por exemplo, mulheres que imitam homens; homens que se vestem de mulheres ou escravos que se proclamam reis. O carnaval é uma festa na qual podemos verificar essa



forma de esquecimento. As primeiras e as mais autênticas manifestações do carnaval foram criadas e desenvolvidas pelos negros descendentes de escravos nas escolas de samba. Nos desfiles, vemos toda a criatividade popular que se revela nas fantasias e nos temas de suas músicas. A porta-bandeira e o mestre-sala vestem-se com as mais belas roupas, tais como um príncipe e uma princesa. As baianas mostram seus maravilhosos vestidos rendados, demonstrando possuir uma riqueza que só os nobres teriam. Na realidade, eles são todos pessoas humildes que, naqueles instantes, tornam-se o objeto do olhar de toda uma população e passam a ser reis, rainhas, príncipes e princesas.



3) O *começo* ou o *recomeço*: esse termo designa o contrário da repetição. Ele significa uma “inauguração radical”. Seu propósito é encontrar o futuro, esquecendo-se do passado, e criar condições de um novo nascimento que abre portas para diferentes possibilidades, sem que haja o privilégio de apenas um. O *recomeço* anuncia uma nova consciência do tempo. A Bíblia nos dá um exemplo da necessidade do esquecimento: a história de Ló e de sua mulher. Para que eles pudessem fugir vivos de Sodoma, Deus ordenou que não olhassem para trás, caso contrário seriam transformados em estátuas de sal. O esquecimento os salvaria, o que não aconteceu com a mulher, que, nostálgica e apegada ao passado,

olhou para trás. Nesse caso, o vínculo com o passado representou não apenas a perda de tudo o que Ló e sua mulher possuíam, mas a morte.

Podemos, então, nos dar conta de que há mecanismos sociais para o esquecimento, o que indica sua importância para que ocorram transformações, como o caso do *recomeço*. Compreendemos, assim, que as sociedades desenvolveram uma capacidade sensível através de seus ritos, a fim de que o indivíduo e o grupo estabeleçam relações não-cristalizadas, podendo ter mobilidade e autorizados socialmente à transformação.

## MEMÓRIA E COTIDIANO

Podemos considerar que o esquecimento é, também, um processo que nos permite dormir e acordar todos os dias. Para que possamos adormecer a cada noite, é necessário “passar uma borracha” nos acontecimentos nos quais estamos mergulhados cotidianamente para, no dia seguinte, recomeçarmos. Muitas vezes, o recomeçar quer dizer que revemos e repensamos os fatos, podendo perceber melhor seu significado e, então, tomar decisões.

É necessário enfatizar que o esquecimento radical não nos permite dar continuidade à vida. Para ser e existir é preciso lembrar, mas – você se lembra do *Memorioso*, de Jorge Luis Borges? – a tensão entre lembrança e esquecimento é uma companheira diária. A ruptura e a continuidade, a desordem e a ordem são fatores que permitem que se possa olhar para o futuro.

Um exemplo interessante extraído da literatura clássica é a história do conde de Monte Cristo. O romance, escrito por Alexandre Dumas no século XIX, relata a trajetória de um homem que ficou preso injustamente durante muitos anos, conseguiu fugir, descobriu um tesouro e dedicou outros tantos anos de sua vida à vingança. O conde de Monte Cristo não conseguiu esquecer o mal que lhe fizeram e tratou de destruir, planejada e minuciosamente, a vida de todos aqueles que considerou seus algozes. No entanto, nosso herói não se deu conta de que o mundo para onde voltou havia mudado. A experiência de ter sido prisioneiro durante uma parte de sua vida o havia ferido de tal forma que a dor da traição era insuportável. Ele tornou-se um juiz terrível e, também, um algoz. Sua vida era apenas a vingança. Monte Cristo conseguiu realizar o que desejava sem perceber que Mercedes, seu grande amor, ainda o amava. Ele a rejeitou e a afastou, julgando-a culpada porque ela havia se casado com um dos homens que odiava. Monte Cristo alcançou seus objetivos, e o livro termina quando ele decide viajar para a América, solitário para, então, tudo recomeçar. Esse recomeço significa que Monte Cristo compreendeu a necessidade de esquecer, de deixar para trás o passado para poder olhar para o futuro.

O esquecimento não se refere apenas ao desaparecimento de lembranças desagradáveis, mas ao fato de deixarmos para trás aquilo que não é mais possível recuperar. No caso em questão, o perdão.



O verbo decorar significa “aprender de memória”, mas também “adornar, enfeitar, embelezar”. Pode-se encontrar os dois significados no dicionário (AURÉLIO, p. 524), e verifica-se que usamos a expressão “de cor” para aquilo que foi memorizado. É interessante pensar que, em francês, diz-se *par coeur*, o que equivale a “de cor”. A expressão francesa, se traduzida, significa “de coração” ou “pelo coração”. Por outro lado, quando decoramos no sentido de embelezar fazemos alguma coisa que nos dá prazer ou para tornar um ambiente agradável, ou mesmo, para receber amigos ou pessoas a quem damos valor. Então, decorar, nos dois sentidos, tem relação com ações que envolvem os afetos, a experiência do prazer, o que tem a ver com os nossos desejos. Pode-se pensar que o ato de decorar não se refere a uma ação mecânica e desprovida de sentido. O ato de decorar (memorizar) deve, antes de tudo, estar relacionado ao desejo de aprender alguma coisa que nos diz algo, que nos faz melhores e mais valorizados, ou seja, mais belos.

Por que temos, então, de decorar datas, tabuada, nomes, lugares e assim por diante? Tal prática tem valor educativo? A resposta é sim e não.

Memorizar não tem valor educativo quando tal prática é desprovida de qualquer significado para o aluno. Decorar os nomes dos afluentes do rio Amazonas, das serras do estado do Ceará, das capitais dos países asiáticos ou os nomes dos bandeirantes torna-se, por exemplo, apenas um ato de repetição mecânica para se fazer uma prova. Se o rio Amazonas ou os acidentes geográficos citados como exemplo forem apresentados como *coisas*, dizer ou escrever seus nomes numa prova torna-se um ato meramente reprodutivo e sem sentido para quem o faz. Além disso, a facilidade em memorizar pode dar uma falsa impressão de inteligência. Há pessoas que são capazes de decorar um catálogo telefônico inteiro, sem que isso queira dizer que sejam capazes de, por exemplo, resolver problemas, analisar situações, interpretar fatos, compreender textos, interagir positivamente com os pares ou criar algo de novo.

Memorizar adquire um valor afirmativo se o que se memoriza estiver situado dentro de um contexto e fizer sentido. Exemplificando: imagine que uma festa está sendo organizada. Muitas crianças estarão presentes, e vários grupos serão organizados para que cada um deles apresente poemas recitados, pequenas peças de teatro ou um espetáculo de dança. Cada uma dessas atividades sugere que textos e movimentos sejam memorizados. No entanto, as crianças trabalham com afinho e decoram com facilidade. Todos estão envolvidos e muito animados com a

feira. Adultos e crianças interagem com satisfação, já que todos têm um objetivo a alcançar, juntos. Numa festa, há conagraçamento, diversão e, ao mesmo tempo, muita seriedade. Pense no quanto se aprende e como uma festa se torna inesquecível!

### ATIVIDADE



2. Responda oralmente, em aproximadamente cinco segundos, a cada pergunta:

- a. Que país foi campeão da Copa do Mundo de futebol em 1970?
- b. Qual o coletivo de lobo e de camelo, respectivamente?
- c. Qual a capital do Piauí?
- d. Quando, onde e como foi o seu primeiro beijo?
- e. Qual o nome de sua primeira escola?
- f. Qual o nome de sua primeira professora?
- g. Qual era o presidente do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial?
- h. Quantos anos têm seus pais?
- i. Qual o nome de seu(sua) primeiro(a) namorado(a)?
- j. Quais os afluentes do lado esquerdo do rio Amazonas?

### RESPOSTA COMENTADA

*Você deve ter percebido que os itens a, b, c, g e j pedem uma resposta exata e exigem uma memorização ligada ao ato de decorar. As demais questões falam de experiências pessoais e podem remeter a lembranças boas ou ruins. Quando você tem lembranças de fatos pessoais, está em contato com conteúdos que fazem sentido para você, o que lhe permite respondê-las mais rapidamente. Logo, elas são mais significativas, estão ligadas a fatores emocionais. Concluindo, tudo o que nos remete a experiências vividas com intensidade e emoção é mais fácil de lembrar.*

### CONCLUSÃO

A discussão em torno da memória nos leva sempre a pensar sobre nossas histórias pessoais, mas também sobre o que vivemos em conjunto com nossos amigos, parentes e colegas. Muitas das práticas que realizamos em nosso cotidiano são constituídas por processos que se tornaram naturalizados e, por vezes, desconhecemos que eles se constituíram ao longo de muitos anos e que são o resultado de práticas antigas.

Freqüentemente, tornamo-nos instrumentos de situações e não nos damos conta de como esses instrumentos são histórica e socialmente elaborados, e por isso perdemos a noção de seu valor social. Um exemplo disso é a valorização excessiva, nos dias de hoje, do corpo magro, em detrimento de se reconhecer e respeitar as diferenças. Ao recuperarmos memórias históricas, entramos em contato com modelos ligados a outras formas de viver. Por vezes, vemo-nos assumindo atitudes e práticas que não deixam de ser meras repetições sem que façamos o exercício crítico delas, como a possibilidade de aceitarmos, sem discussão nem crítica, a forma como as notícias são dadas na televisão. Pensar sobre a memória é pensar sobre histórias, as muitas que habitam nosso dia-a-dia e que nos pressionam a uma submissão a modelos preestabelecidos.

O trabalho do educador, seja em que âmbito for, exige desse profissional uma postura de pesquisador, ou seja, uma postura que demanda que estejamos sempre prontos a nos fazer perguntas. Há um pensador que diz que a resposta mata a pergunta. O que isso quer dizer? Talvez, o silêncio, isto é, ao se responder a uma pergunta, inviabilizamos outras descobertas, outras idéias, outras soluções. Esquecemos de continuar a perguntar, esquecemos de lembrar.

### ATIVIDADE FINAL

Em sua cidade existem, provavelmente, datas que são celebradas com festas abertas a todos. Pense na festa mais importante. Como ela se configura? Quem a organiza? As pessoas mais velhas de sua cidade a comparam com as festas de antigamente? Como e quando ela se iniciou? Entreviste dois ou três habitantes mais idosos e reconstrua a história da festa escolhida por você. Em seguida, elabore um texto de no máximo 20 linhas, contando a história dessa festa. Leve sua resposta ao pólo para apresentação e discussão como os colegas e o tutor.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



# AULA 28

## Memória e Educação

### Meta da aula

Discutir a importância da memória social como fator de identidade.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Distinguir os conceitos de memória de curta duração dos de longa duração.
- Identificar a importância da memória social.
- Reconhecer o caráter investigativo do ato de lembrar.

## INTRODUÇÃO

Você naturalmente sabe dizer qual é o nome da escola em que trabalha. No entanto, você sabe por que ela tem esse nome? Você sabe de quem se trata e o que fez? Por que foi decidido dar este nome à sua escola? Você sabe como e por que sua escola foi construída com a aparência que tem? Por que há um determinado número de salas? Ela tem um pátio? Um refeitório? Uma biblioteca? Por que as salas de aula são organizadas de uma determinada maneira? O que estava construído antes dela? Provavelmente, há muitas perguntas que você não sabe responder, mas elas apontam para conhecimentos e histórias que estão presentes no espaço escolar e é muito possível que você os desconheça. Essas são algumas perguntas que podemos fazer e que denotam temas relativos à memória.

## MEMÓRIA CURTA, MEMÓRIA LONGA: O EFÊMERO E O DURADOURO

Para começar esta aula, seria interessante que falássemos sobre *a memória de curta duração* e *a memória de longa duração*. A primeira refere-se à memória imediata daquilo que foi dito, lido ou vivido há pouco, ou melhor, ela estaria situada no presente, considerando-se o que aconteceu alguns dias atrás ou no aqui e agora. Este tipo de memória é mais frágil e volátil. Por exemplo: você seria capaz de se lembrar do que disse, pensou ou ouviu há três dias? Você se lembra do que foi noticiado no jornal da televisão no dia de ontem? Você provavelmente irá precisar de alguma concentração para recuperar o que ocorreu nesse dia. Se houve algum fato muito especial, é provável que você o lembre bastante bem. No entanto, se você teve um dia comum ou as notícias se repetiram, pode ser que suas lembranças se confundam e se percam na neblina da rotina do cotidiano. Sendo assim, a memória de curto prazo ou de curta duração é, em geral, volátil e mistura-se com o esquecimento.

Você se lembra com clareza o que foi dado por seu professor quando estava na 4ª série? O que você estudou em História ou Ciências, por exemplo? É possível que sua resposta seja negativa. Há, porém, conhecimentos que permaneceram nítidos durante todo esse tempo e, talvez, você seja capaz de recitar ou narrar fatos desta época. Esta é a memória de longa duração. Aquilo que você lembra permaneceu instalado em sua consciência. Assim, basta um pequeno esforço para que você recupere a lembrança desses eventos. A pergunta a ser feita é: por quê? Procure você mesmo responder a esta interrogação.

Para lhe ajudar, pense em quais condições ocorreram tais aprendizados? Como era sua relação com o professor? Você se sentia mais atraído por esse assunto lembrado? Seus parentes tinham algum tipo de interesse por tal assunto? Alguém de quem você gostava conversava com você sobre o tema? Procure relacionar, não apenas na situação escolar, mas mais além dela, os possíveis fatores que porventura contribuíram para seu sucesso. Em geral, experiências que não estavam estritamente ligadas ao espaço da sala de aula se mostram importantes.



Para melhor ilustrar as questões propostas, leia o livro *Porque uns e não outros, caminhadas de jovens pobres para a universidade*, de Jailson de Souza e Silva, da Editora 7 Letras. Nele, você irá encontrar uma interessante discussão sobre o fracasso e o sucesso escolar de jovens moradores da favela da Maré, no Rio de Janeiro. Tornou-se senso comum pensar que o sucesso escolar depende exclusivamente das condições socioeconômicas do sujeito. Jailson nos prova que estas não são uma condição única. O autor não se refere diretamente à memória como fator de aprendizagem, mas o livro nos mostra como o sucesso escolar e a aprendizagem estão relacionados a fatores intra e extra-escolares que ele chama de *sociopedagógicos*.

Em geral, lembramos daquilo que tem utilidade, daquilo que nos serve no dia-a-dia. O uso freqüente de conhecimentos que nos interessam ou nos são úteis é um fator de retenção. Se eu precisar sempre aplicar a raiz quadrada, isso me permitirá uma intimidade e uma facilidade maior com esse recurso matemático. Este também é um fator que faz a memória de curta duração – volátil e evanescente – tornar-se memória de longa duração ou longo prazo.

Cabe então a pergunta: a memória de longa duração é sempre um produto da utilidade e da repetição (*memória-hábito*, para Bergson)? Se respondermos que sim, não apenas esta aula entrará em contradição com as anteriores, como também estaremos negando o importante papel dos fatos que têm significado e que acontecem apenas uma vez, dos quais jamais nos esquecemos (*memória-souvenir*, de acordo com Bergson).

Estaremos abandonando, também, o papel da coletividade, ou seja, dos parentes, dos amigos, dos parceiros com quem convivemos agora ou convivíamos no passado. Além disso, não podemos deixar de lado personagens importantes, não apenas os que a História relata, mas aqueles que deixaram a marca de suas vidas, seja na comunidade em que vivemos, seja na cidade onde tal comunidade está inserida.

## MEMÓRIA E SOCIEDADE

Um dos importantes estudos feitos no Brasil sobre a relação Memória e Sociedade encontra-se no livro de mesmo nome escrito pela professora de Psicologia Social da Universidade de São Paulo, Ecléa Bosi. Nesse livro, conhecemos um pouco da história da cidade de São Paulo contada sob a ótica de antigos moradores, principalmente aqueles que viveram e participaram da revolução de 1932 ali ocorrida. Os depoimentos destas pessoas comuns ilustram, com sentimento, uma época da qual pouco se fala nos manuais de história do Brasil e nos ajudam a ter uma visão que os historiadores oficiais não nos falam já que, muitos deles, narram os fatos sob uma ótica de maior amplitude, na qual são considerados apenas os personagens principais. Seu trabalho, belo e sensível, nos traz um novo ângulo sobre a importância da memória dos homens e mulheres anônimos que lutaram, sofreram e viveram momentos significativos que fazem parte de nosso passado.

Há muitas histórias que se encontram silenciadas, e que, ao serem recordadas, tornam possível a compreensão de quem somos, enquanto povo brasileiro, isto é, permite-nos o re-conhecimento de quem fomos e o que pretendemos como projeto de futuro, seja ele em âmbito nacional, comunitário ou pessoal.



A recuperação da memória nacional envolve ações políticas que implicam reconhecimento daquilo que faz parte de nosso patrimônio, que diz respeito não apenas aos prédios e construções importantes,

como igrejas ou casas de personagens históricos (*patrimônio material*), por exemplo, mas também, festas ou práticas comunitárias (o bumba-meu-boi ou a folia-de-reis), canções e lendas (todas compondo o *patrimônio imaterial*) transmitidas de geração em geração. Da mesma forma, o conhecimento da história familiar ajuda-nos a desenvolver o sentimento de pertencimento, tema visto em nossa aula Falando sobre grupos.

Para lembrarmos a importância deste sentimento, o de *pertencer*, vale a pena recordar que há algum tempo soubemos do suicídio de vários índios, na região Centro-Oeste



do Brasil. Por que isso teria acontecido? Uma das conclusões a que se chegou foi a seguinte: a presença de missionários estrangeiros, que trouxeram para aquela comunidade indígena uma cultura completamente diferente da que os índios praticavam, gerou o que se conhece como *anomia*, ou seja, a perda do “nome”, da identidade e, em consequência, dos saberes que compõem e permitem a vida coletiva. Em outras palavras, os índios perderam (ou esqueceram) os conhecimentos tradicionais que lhes permitiam viver, além das próprias referências histórico-sociais, que é o que fazia com que se percebessem como possuidores de uma história (e memória) e cultura próprias. A imposição de uma nova e estranha maneira de viver não foi incorporada por eles e, então, perderam sua identidade social, suas referências, seus saberes e tudo deixou de ter sentido, inclusive viver.

Essa tragédia ilustra a importância da preservação e recuperação da memória social, grupal e individual para que se possa identificar e interpretar os eventos históricos que fazem de um povo, de um grupo ou de indivíduos, seres instalados no tempo. Ir em busca do passado, como fez Ecléa Bosí, é uma bela tarefa para todos os que se sentem desejosos de realizá-la. Além disso, é importante que se tenha consciência de sua necessidade, estimulando-a e valorizando-a.

## CONCLUSÃO

A discussão sobre a memória é prolífica. Ela pertence a diferentes áreas do conhecimento, tais como: Psicologia, História, Sociologia ou Política, por exemplo.

Você viu nas Aulas 26, 27 e 28, sua importância como elemento que propicia não só o autoconhecimento e a criatividade (não se esqueça das musas, filhas da deusa Mnemosine), como também a descoberta de fatos que nos fazem viver melhor, pois o viver não se restringe ao presente imediato. Sem dúvida, o presente impõe a urgência de comportamentos: comer, dormir, trabalhar, amar, decidir. No entanto, as emoções que nos impulsionam são “motores” que necessitam de combustível.

Aquilo que já vivemos nos oferece pistas e referências que nos orientam em direção ao futuro imediato ou mais distante. É no presente que realizamos escolhas, mas elas constituem o fio que estamos tecendo para o que virá. Podemos assim, falar para concluir, na *memória do futuro*. Mas isso é conversa que poderemos ter outro dia... Até lá, pense nisso: O que seria a *memória do futuro*?

## ATIVIDADE FINAL

A história do Brasil é marcada pela presença de mulheres corajosas e determinadas. Esta atividade celebrará o papel feminino em sua vida e em sua comunidade. Leia os relatos a seguir e pesquise, na história da sua comunidade, uma figura feminina que, como aquelas descritas nos relatos, mesmo em proporções menos abrangentes, exerceu um importante papel na sua cidade ou na região onde você vive. Essa mulher pode ser: uma parteira, uma atleta, uma professora, uma escritora, uma artesã, uma artista plástica, entre outras. Em seguida, escreva seu relato em no máximo 20 linhas e o apresente a seu tutor e colegas de pólo.

Maria Pequena é a cacique da tribo dos Jenipapo-Kanindé. Sua aldeia fica a 40km de Fortaleza, no Ceará, e esses índios lutam pela demarcação de suas terras, onde ficam duas lagoas muito importantes para sua sobrevivência. A Lagoa Encantada, como o próprio nome já sugere, serve de palco para muitas lendas. Maria Pequena, por meio das histórias que conta, consegue manter vivo e atual todo o imaginário de sua comunidade. Ela é um símbolo da resistência, tal como as lendas que

contam as histórias daquele povo. Uma das mais antigas é a de um velho índio que um dia, ao pegar água na lagoa, lançou um arpão sobre um enorme peixe que se aproximava. Mesmo ferido, o animal conseguiu fugir. Ao retornar à lagoa no dia seguinte, o velho se deparou com uma moça muito bonita pedindo-lhe que retirasse o arpão de seu pai. Após fechar os olhos a pedido da moça e colocar a mão sobre o seu ombro, o índio, de repente, encontrava-se numa linda casa cheia de árvores e flores, surpreendendo-se com um homem ferido com o mesmo arpão que utilizara para atingir o peixe. O velho índio tratou do homem e voltou para casa. Mas antes teve que garantir à moça que não tocaria em nada naquele lugar, pois tudo era encantado. (Fonte de pesquisa: <http://www.mulher500.org.br/index2.html>.)

Conhecidas como abolicionistas ferrenhas, Francisca Amália de Assis Faria, Anna Benvinda Ribeiro de Andrade, Narcisa Amália, Maria Thomásia e a compositora carioca Chiquinha Gonzaga marcaram suas vidas pela coragem e determinação na luta pela independência e liberdade das mulheres, principalmente no Estado do Rio de Janeiro. (Fonte de pesquisa: <http://www.cedim.rj.gov.br/pesquisa.htm>.)



Chiquinha Gonzaga

As duas grandes Guerras Mundiais garantiram, em parte, mais espaço às mulheres no mercado de trabalho. Nas décadas de 1930 e 1940 foram consolidadas importantes conquistas femininas como o direito ao voto. No Brasil, a participação feminina nas eleições foi permitida a partir de 1934, enquanto na França, Itália e Japão, só em 1945. Na Rússia, a Revolução de 1917 garantiu às mulheres o direito ao voto. Um ano mais tarde foram as alemãs e, no seguinte, as norte-americanas, que ganharam o direito de ir às urnas. Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo*, acende o debate nos anos 40 sobre o “masculino e o feminino”. Vinte anos depois, o tema ganha novo impulso, com o lançamento, do livro *A mística feminina*, de Betty Friedan, que fundou em 1966 a NOW, National Organization of Women. Os anos 60 e 70 foram marcados por vários movimentos feministas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. (Fonte de pesquisa: <http://www.cedim.rj.gov.br/pesquisa.htm>.)

No Brasil, em 1976, a estilista Zuzu Angel dá seu depoimento ao historiador Hélio Silva, sobre a morte do filho, Stuart Angel, nos porões da ditadura. Dois meses depois sofreu um acidente suspeito que a vitimou. Posteriormente, Chico Buarque de Holanda dedicou-lhe a música “Angélica”. Recentemente, uma



## RESUMO

A memória social é um campo que demanda constante investigação, pois nela pode-se encontrar muitos elementos que contribuem para a formação e o enriquecimento de nossas identidades como povo, grupo ou indivíduos. Nesse contexto de memória social, o esquecimento adquire um caráter negativo já que a falta de referenciais históricos é alienante e não permite vínculo social em bases mais sólidas, isto é, instalados em valores como identidade cultural e a riqueza de relações entre diferentes gerações.



### MOMENTO PIPOCA

Você gosta de cinema? Com certeza há poucas pessoas que não gostam. Pois, então, lá vai uma dica de outro filme interessante. Visite o *site* [www.portacurtas.com.br](http://www.portacurtas.com.br) e procure o filme *Dona Cristina perdeu a memória*. Você terá o privilégio de assistir a um filme de imensa sensibilidade cujo personagem principal, uma senhora que mora em um asilo para idosos, recupera sua memória ao se relacionar com um menino chamado Antônio. Por fim, Dona Cristina afirma não ter perdido a memória, apesar do que dizem os médicos, e pede que Antônio guarde uma pequena caixa com relíquias que traduzem concretamente sua memória. Assim, guardada com uma criança, sua memória estaria preservada.



# Educação, Memória Comunicação, Artes, Estética e Sociologia: a última parada nas Terras dos Fundamentos da Educação

## AULA 29

### Meta da aula

Rever concepções, conceitos e noções estudados nas aulas anteriores, ligados aos temas Educação, Comunicação, Arte, Estética, Sociologia e memória.

Ao final da aula, você deverá ser capaz de:

- Compreender os padrões e a estética; a arte na Educação, os meios de comunicação; a definição de Educação; a relação Educação e Comunicação; a Sociologia da Educação e a Memória como temas necessários a sua formação de educador.

objetivo

*Levai-me aonde quiserdes.  
Aprendi com as primaveras  
a deixar-me cortar e a voltar  
sempre inteira.*

(Cecília Meirelles, "Levai-me aonde Quiserdes")

## INTRODUÇÃO

Esta é a penúltima Estação da nossa viagem pelas Terras dos Fundamentos. Lembra-se de quando começamos a viagem? Descrevemos a Estação Central, a gare fervilhando de gente, os trens perfilados nas plataformas, carregadores atarefados levando malas, crianças, jovens e adultos, todos sonhando com uma maravilhosa viagem.

Dissemos a você que essa seria a viagem da Educação, que teríamos um "mapa", fruto do nosso projeto de curso que estabeleceu como pilares para a sua sustentação *o homem, a sociedade e a transformação*.

Hoje, nossa viagem, que era apenas um audacioso projeto, solidificou-se, transformou-se em realidade, adentrando lindos lugares, com as mais belas paisagens que o campo do saber tem a nos oferecer.

A riqueza dos detalhes e os saberes da Terra dos Fundamentos foram escolhidos por nós, professores, com o maior cuidado e carinho.

Queríamos que você se sentisse em cada Estação com mais conhecimento e sabedoria, ao mesmo tempo em que torcíamos para que não desistisse da viagem em nenhuma das Estações:

A sua viagem foi também a nossa viagem, era como se estivéssemos sentados ao seu lado, tentando compreender suas aflições, seus medos, inseguranças e também a sua alegria.

Foi assim que escrevemos cada uma das aulas, querendo fazer de você o melhor aluno, aquele que sabe, que pensa, que opina, que critica e que vai levar gravado na memória todo esse saber.

Foram dois anos de estudos com os temas mais variados, fruto da formação acadêmica do grupo de professores pesquisadores que acreditam que um educador necessita de uma formação sólida para entender o mundo que o cerca e, com isso, formar o homem capaz de viver e conviver nessa sociedade. Um homem que merece ser feliz.

Temos certeza de que o objetivo do projeto da disciplina Fundamentos foi atingido, a saber:

Oferecer aos alunos os fundamentos teórico-conceituais nas áreas filosófica, histórica, socioantropológica e psicológica para o exercício do pensamento crítico sobre teorias e práticas pedagógicas, objetivando uma formação docente consciente e socialmente responsável (Projeto Político-Pedagógico da disciplina Fundamentos, 2001, p. 4).

Esta é, portanto, a última-aula síntese e que tem como objetivo rever as aulas que compõem este bloco de temas e, conseqüentemente, prepará-lo para a realização das avaliações a distância e presencial.

Então, vamos começar!

A primeira aula desta Estação, denominada Padrões estéticos e prática educativa, buscou avaliar a experiência estética, na apreciação de obras artísticas, tanto no que se refere a sensações agradáveis e desagradáveis, quanto à sua análise racional. Deste modo, percebe-se que a experiência estética não se caracteriza por ser uma atividade espontânea, sem regras, onde há a livre vazão do emocional, mas envolve processos racionais, de elaboração, planejamento e estudo, e que, além disso, devemos considerar toda uma conjuntura histórica, na qual encontramos diferentes concepções e manifestações artísticas. O contato com a produção artística nos permite repensar sobre a própria dimensão da vida.

Nas várias funções que a arte pode desempenhar, ressaltamos o ponto de vista pedagógico, que detecta e aponta a massificação dos padrões estéticos através dos meios de comunicação. Para repensar esses modelos estéticos é preciso adotar juízos que permitam outras possibilidades, cabendo ao professor proporcionar meios para que os alunos percebam e entendam a realidade de modo diversificado. Uma discussão sobre o senso estético pode levar a essa mudança de ótica, inclusive a de que é possível perceber o feio como uma categoria estética relevante, e que as concepções sobre o belo estão em permanente mudança nas diferentes sociedades e nas diferentes épocas.

Por fim, devemos nos lembrar de Nietzsche, quando nos fala que o indivíduo criador não age rotineiramente: ele tem a capacidade de gerar

novas produções a cada momento. Assim, todas as peripécias vitais, até as que denominamos “feias” ou “coisas vagas que se recusam a tomar formas”, são aproveitadas pelo homem criativo para desenvolver a sua *arte de viver*.

Prosseguindo nossa viagem-síntese, quando chegamos na aula Arte na educação estudamos a importância da arte na formação do homem, pois ao brincar com as aparências, jogar e construir novos mundos, tanto o adulto quanto a criança podem dar vazão às suas emoções, e assim, os problemas do cotidiano podem ser traduzidos ou deslocados, peculiarmente as dores, em obras de arte, que se tornam um *bálsamo* salutar para as agruras corriqueiras.

Você aprendeu que o ensino da arte é que nos permite aprimorar tanto o modo particular de cada um de perceber e sentir as coisas quanto favorecer a descoberta de novos sentidos e interpretações para o mundo que nos rodeia. Por isso, é essencial que se cultue as atividades lúdicas em sala de aula. Essas atividades, porém, não devem ter cunho meramente criativo, nem ser consideradas *práticas secundárias* em relação às outras disciplinas; ao contrário, devem ser respeitadas como uma área de conhecimento autônoma, com conteúdos específicos.

Concebendo o ambiente da sala de aula como um espaço vivo no qual alunos e professores se tornam agentes de construção e reconstrução da realidade, a interação entre Arte e Educação se mostra como um instrumento fundamental para o desenvolvimento de técnicas que permitam exercitar a imaginação, a auto-expressão, a descoberta, a invenção e, conseqüentemente, o potencial transformador único. E assim, a prática educativa, aliada a uma atividade artística, permite que o aluno experimente toda a diversidade de valores, de sentidos e de intenções que compõem o mundo em que ele habita. Aprender arte envolve a conquista da significação, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. O contato com a arte permite expandir a concepção de cultura de cada um.

Quando paramos na estação Os meios de comunicação, relembremos que estes podem se tornar um *grupo de referência* para a sociedade atual, onde na *sociedade de públicos* há possibilidade mais efetiva de resposta imediata às opiniões existentes (gerando maior debate)

e no modelo de *sociedade de massas* é o contrário: poucas pessoas expressam as opiniões em relação àquelas que as recebem, e assim as influências das instituições políticas penetram mais profundamente na população, controlando-a e eliminando sua autonomia. A sociedade contemporânea pode apresentar uma coexistência de ambos os modelos. Isso é importante para localizarmos qual a função dos meios de comunicação. No primeiro modelo, eles se tornaram apenas o *veículo* de difusão da opinião e no segundo, se tornaram a *fonte* da opinião pública.

Você viu também que, para alguns autores, o cinema, o rádio e a televisão contribuem para a barbarização da cultura e para a alienação, investindo mais no sentimentalismo e no entretenimento do que na reflexão racional e na conscientização voltada para a emancipação social. No entanto, para outros, os meios de comunicação contribuem para a democratização do acesso à cultura, sendo um elemento importante para a conscientização e para a educação da população, apesar de seus efeitos maléficos. Edgar Morin nos fala que a indústria cultural trabalha com um aparente paradoxo: burocracia-invenção, padrão-individualidade. Isso faz com que as produções possuam suas próprias características e personalidade dentro de uma lógica racionalizada e burocratizada; ao mesmo tempo, elas possuem distinções específicas e traços da personalidade de seus realizadores (produtores e diretores).

Nos argumentos dos herdeiros da tradição iluminista, há a possibilidade de se construir uma ordem social sem manipulação ideológica e dominação, voltada para a autonomia de indivíduos, para a justiça e para a emancipação social. Em contrapartida, a reflexão sobre os meios de comunicação de massa de alguns autores pós-modernos nega a capacidade de alcance universal da razão e das suas finalidades libertadoras, sendo relativizadas a manipulação ideológica e a dominação feita pela cultura e valorizado o entendimento do fragmento, do banal, do efêmero, do cotidiano e das microrrelações de poder. Assim, sob a influência dos meios de comunicação, a sociedade vive o reino do espetáculo, da performance, que não tem outra finalidade a não ser expressar-se como tal.

Dentro dessa diversidade de conceitos teórico-filosóficos, torna-se importante que nós reflitamos sobre a sociedade brasileira e o controle institucional dos meios de comunicação em nosso país. Esse é um

assunto que não se esgota rapidamente e que merece ser debatido por profissionais de Comunicação, de Educação e da população em geral. As nossas reflexões devem estar voltadas também para a relação entre a mídia e a Educação.

Refletir sobre mídia e Educação é refletir sobre Educação e Comunicação, tema de uma das aulas deste bloco. Esta aula buscou, além de identificar as principais questões entre a Educação e a Comunicação, relacioná-las à realidade cultural, tendo em vista que a sociedade contemporânea passa por um processo geral de influência crescente dos meios de comunicação, que acaba por influenciar a Educação.

Pode-se perceber essa influência nos educadores e nos familiares no momento em que mantêm certa preocupação com as crianças e os jovens que estão em contato direto como os meios de comunicação, e de como interferem na formação, nos hábitos e nas atitudes de cada um, gerando violência e um apelo ao consumismo.

Por outro lado, afirma o texto da referida aula: para quem tem a função de educar, a dinâmica estabelecida com o protagonismo dos meios de comunicação é algo a ser considerado, tanto em termos de seu conteúdo, quanto das possibilidades do seu uso pedagógico como, por exemplo, a Educação a Distância.

Um ponto importante da aula Educação e Comunicação, que precisa ser estudado com cuidado, é a questão escola x mídia: há uma releitura sobre qual é a instituição que exerce mais influência sobre a mentalidade das pessoas na sociedade contemporânea: a família, a escola ou a mídia.

Para discussão dessa questão a aula apresenta uma importante revisão sobre o pensamento de Althusser, teórico que você já vem estudando desde o início da nossa viagem. Nesse caso, a escola não é mais considerada como a organização mais importante na reprodução de idéias, mas sim a mídia, que se apresenta como capaz de superar a escola no “fazer a cabeça” das pessoas para se adaptarem às exigências do sistema social.

O educador precisa lembrar-se de que existem várias implicações pedagógicas no processo educativo como, por exemplo: a linguagem adotada pelos meios de comunicação no dimensionamento das formas de pensar e de agir do aluno. A identidade e a subjetividade são formadas pela linguagem audiovisual. Não há como desenvolver o processo ensino-

aprendizagem sem as referências estabelecidas pela mídia eletrônica, principalmente sem a interatividade.

Concluindo, esta aula focaliza um aspecto que merece sua atenção, por isso transcrevemos do texto o seguinte trecho:

O professor passa a ser aquele que estimula, questiona e ajuda a organizar as experiências do aluno, possibilitando com que este mergulhe na ‘complexidade’ das situações vivenciadas e das informações veiculadas; a partir daí, é possível sair da reprodução do conhecimento para a sua construção, de forma autônoma e criativa.

Esta nova maneira de abordar a Educação é uma forma de transformá-la, fazendo com que deixe de ser um produto pronto e acabado para se tornar um processo aberto, flexível e dinamizador, que aposta na via das “incertezas” muito mais do que nas “verdades” tradicionalmente estabelecidas, em nome de uma abordagem mais complexa sobre o conhecimento.

A preocupação com a questão da comunicação fez emergir uma aula capaz de fornecer algumas definições de Educação. Trata-se da aula Definição de Comunicação que destacou como objetivos: a compreensão do conceito de comunicação, além de ressaltar as formas e a importância dos meios de comunicação social.

Entre as riquezas de informações que o texto oferece, merece destaque a seguinte definição de linguagem: é uma instituição fundamental para pensar a constituição e o funcionamento da sociedade. Sem ela, não seria possível a existência de idéias, valores, hábitos, costumes, saberes e práticas estabelecidas na sociedade.

Por outro lado, na busca de explicação do processo de comunicação, fica clara a idéia da necessidade da organização de códigos, uma vez que vivemos em uma coletividade que estabeleceu e organizou códigos, símbolos e significados de uma maneira padronizada. Cada grupo existente, com seus hábitos e costumes, possui formas distintas de expressões sobre o mundo e sobre si mesmo. Implica, portanto, que o processo de comunicação está diretamente relacionado à homogeneidade e à diversidade social.

Prosseguindo na viagem das recapitulações, nos deparamos com a aula Interatividade, recordando que *interagir*, segundo o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, significa: *agir mutuamente (dois ou mais objetos, duas ou mais coisas); interatuar, exercer interação*, sendo que o

prefixo *inter* nos remete a *reciprocidade*. Ou seja, não estamos falando de quaisquer ações entre pessoas, mais de ações que envolvem troca. Para tal estudo, consideramos o pensamento de Piaget e Vygotsky.

Uma temática classicamente piagetiana – a interação sujeito com objeto – sustenta a “reação” do objeto sobre as estruturas do sujeito, admitindo ou resistindo às significações que lhe são atribuídas. A intencionalidade é parte constitutiva dos objetos sociais e, sendo também própria dos sujeitos, permite a produção da comunicação recíproca. Assim, vemos nos atos reiterados das autoridades, nos ritos escolares, na disposição de objetos e pessoas na escola, nos gestos e prescrições das autoridades, a presença do componente simbólico. A tese central de Piaget é de que as crianças constroem a sua inteligência social e moral no transcurso da sua intervenção em interações sociais e em um processo de adaptação constante às circunstâncias sociais, desde as relações entre pares até as relações de autoridade. O código de leis da escola precisa ser interpretado por cada aluno, constituindo-se em uma das aprendizagens vitais para a convivência social nesse espaço institucional.

Para Vygotsky, o processo educativo é trilateralmente ativo: o aluno, o professor e o meio existente entre eles são ativos e estão em interação constante. Por isso, é incorreto conceber o processo educativo como um processo placidamente pacífico e sem altos e baixos. A *zona de desenvolvimento proximal (ZDP)*, proposta pelo psicólogo soviético, pode ainda ser definida como o espaço no qual, graças à interação e à ajuda de outros, uma pessoa pode trabalhar e resolver um problema ou realizar uma tarefa de uma maneira e em um nível que seria incapaz de conseguir individualmente. A ZDP também propõe que aquilo que primeiro pode ser realizado no plano social ou interpessoal poderá, no futuro, ser dominado e realizado de maneira autônoma pelo participante inicialmente menos competente. Então, não se pode conceituar a ZDP como um lugar ou um espaço em termos fixos e estáticos, mas como um campo dinâmico, em constante processo de mudança através da própria interação.

Desta forma, o ensino deve estar vinculado e sincronizado com o processo de construção de significados e sentidos efetuados pelo aluno. Sendo muitas as possibilidades de interações, também concretas, que se apresentam a professores e alunos no cenário da sala de aula, cabe somente a eles, como autores de suas próprias histórias e cenas educacionais, decidir qual o melhor caminho a ser trilhado.

Tendo em vista que é impossível pensar a Educação sem uma base sociológica, a aula denominada Sociologia da Educação tem como objetivos: identificar as principais concepções sociológicas da Educação e compreender a contribuição da Sociologia para pensar a Educação em suas idéias e ações. A aula de grande valor teórico apresenta o pensamento de expoentes no campo da Sociologia.

A Sociologia é definida como uma área de estudo que se preocupa em compreender as relações sociais estabelecidas coletivamente pelos homens, em cada um dos lugares onde vivem.

Por outro lado, é ressaltada a tarefa do sociólogo, não como um profissional destinado a justificar a ordem social segundo seus próprios interesses e vontade, mas construir um modelo explicativo que seja capaz de dar uma noção razoável a respeito de algum tipo de comportamento coletivo.

A aula apresenta no seu bojo os três grandes pensadores clássicos na elaboração sociológica em geral, cujas visões foram também aplicadas à Educação: Durkheim, Marx e Weber. Suas idéias influenciaram o século XX em três grandes concepções sociológicas que são utilizadas para analisar a Educação: a concepção funcionalista, a concepção crítica e a concepção interacionista. A Nova Sociologia da Educação é uma decorrência dessas concepções e faz um certo tipo de cruzamento entre elas para tratar dos temas como o currículo, o sucesso / o fracasso escolar, as identidades culturais e os papéis existentes no universo educacional.

Quando nosso trem pára na estação Memória e educação, nos relembramos que a Antropologia nos oferece conhecimentos muito interessantes sobre o *lembrar* e o *esquecer* que podem ser pensados como elementos elásticos que requerem concentração e atenção, estando sempre juntos e em estado de equilíbrio frágil. Podem ser processos não apenas individuais, mas também, relativos àquilo que se refere às vivências coletivas que compõem os ritos de uma cultura. Marc Augé nos aponta o *retorno*, a *suspensão* e o *começo* (ou *recomeço*) como as três formas de esquecimento que se manifestam em práticas culturais, que podem ser exemplificadas respectivamente no rito do candomblé, no desfile das Escolas de Samba e na imagem de Lot e a mulher fugindo de Sodoma. Compreendemos que as sociedades desenvolveram uma capacidade sensível, por meio de seus ritos, a fim de que o indivíduo e o grupo estabeleçam relações não-cristalizadas, podendo ter mobilidade e ser autorizados socialmente à transformação.

Podemos considerar que o esquecimento é, também, um processo que nos permite dormir e acordar todos os dias; a tensão entre lembrança e esquecimento é uma companheira diária. A ruptura e a continuidade, a desordem e a ordem são fatores que permitem que se possa olhar para o futuro. O esquecimento não se refere apenas ao desaparecimento de lembranças desagradáveis, mas ao fato de deixarmos para trás o que não é mais possível recuperar. Esse é, no caso em questão, o perdão.

Finalizando, não devemos nos esquecer que pensar sobre a memória é pensar sobre histórias, as muitas que habitam nosso dia-a-dia e que nos levam a uma submissão a modelos preestabelecidos e, ao recuperarmos memórias históricas, entramos em contato com modelos ligados a outras formas de viver.

A próxima parada, Comunicação e memória, dá continuidade e finaliza o pensamento das três aulas anteriores. Ela nos leva a refletir sobre memória social, que é um campo que demanda constante investigação, pois nela pode-se encontrar muitos elementos que contribuem para a formação e para o enriquecimento de nossas identidades como povo, grupo ou indivíduos. Ao mesmo tempo nos propõe, para estudos futuros, o repensar sobre a *memória do futuro*, uma vez que é no presente que realizamos escolhas, mas elas constituem o fio tecido para o que virá.

Desta forma, nosso trem vai chegando ao final da viagem pela Terra dos Fundamentos e esperamos que você tenha conseguido aproveitar as paisagens, a diversidade de pessoas e idéias com que teve contato e sentir os sabores e aromas peculiares de cada Parada. O mais importante de tudo é que tenha se permitido trocar experiências, sentimentos, informações com seus companheiros de caminhada, ou seja, seus professores, colegas, alunos e todas as pessoas envolvidas nesse processo singular, especial e instigante. Nos próximos semestres, certamente você não esquecerá de nosso encontro, pois estaremos lá, no fundo de sua memória, como uma referência que poderá ser utilizada por você, a qualquer momento, nas situações mais inesperadas... Ah!... Você também estará dentro de nós, norteando nossas futuras práticas pedagógicas. Obrigada por esta troca! Até a próxima! Deixamos, para você, como lembrança, o poema a seguir:

*(...) Amor é síntese  
É uma integração de dados  
Não há que tirar nem pôr  
Não me corte em fatias  
Ninguém consegue abraçar um pedaço  
Me envolva todo em seus braços  
E eu serei perfeito amor.*

(Mário Quintana, "Amor é Síntese")

### TÓPICOS PARA AUTO-AVALIAÇÃO

O que aprendi durante todas as aulas modificou minha visão sobre a Educação, a Comunicação, a Memória, a Arte, a Estética e a Sociologia?

A partir da releitura dessa aula, tenho certeza acerca do que significa considerar esses temas?

Consigo entender a importância de estudar esses temas?

Li, reli e analisei cada um dos aspectos apresentados?

Sinto necessidade de maiores explicações sobre os temas em questão?

Reflita sobre essas questões e não tenha medo de, se necessário, retornar às aulas e rever algum assunto que, por acaso, não tenha ficado claro. Sempre podemos voltar a cada parada, a cada Estação, e refazer a viagem que, com certeza, nunca será igual.



**Avaliação**

**AULA**

**30**

---

## PARADA FINAL

Esta aula vai explorar duas vertentes. Uma delas é a costumeira, e você verifica, ao consultar os módulos, o quanto você aprendeu. A outra vertente se refere ao proveito que teve, para você, este seu aprendizado, ou seja, o quanto você mudou.

Imaginemos o País da Pedagogia, e neste mesmo país a Terra dos Fundamentos da Educação, um espaço dividido em quatro grandes regiões: Fundamentos da Educação 1, Fundamentos da Educação 2, Fundamentos da Educação 3 e Fundamentos da Educação 4.

Sartre dizia que a imagem mental é tão real quanto o objeto concreto imaginado. Veja-se num trem que perde velocidade, perde velocidade. Ouça o repetitivo “piuí, piuí”, tradicional apito do trem, decantado por nosso Villa-Lobos. Vá arrumando suas bagagens. Só falta mais uma parada a ser feita nesta última estação da Avaliação. Depois, já será a hora do desembarque. O trem irá para outras Terras.

Por enquanto, você ainda ficará por aqui, envolvido com as Aulas 19 a 29. Então:

- Cuidadosamente, abra a bagagem dos textos.
  - Atentamente, revise o material de estudo: leia, grife, faça anotações.
  - Minuciosamente, refaça as atividades e troque idéias com seu tutor e colegas.
  - Criteriosamente, separe todo o material necessário para a avaliação.
  - Laboriosamente, resolva cada questão, dê a resposta conveniente.
- Em seguida, vá ao seu tutor e, em conjunto, analise o seu desempenho.

Que tenha sido uma ótima viagem pela Terra dos Fundamentos. O mesmo se espera para você nesta última parada na Estação da Avaliação. Avante!

## RESPONDER

- 1) É possível dizer que o computador é uma extensão da memória humana?
- 2) Como a memória coletiva se manifesta?
- 3) Você acha que na arte há parâmetros quantitativos?
- 4) É possível distinguir quando uma obra é mais bela que a outra?
- 5) A arte deve ser encarada, na prática educativa, apenas como uma simples atividade de lazer e recreação?

## EXPLICAR

- 1) O papel dos noticiários de rádio, TV, da imprensa escrita, das telenovelas, séries e filmes de cinema como fontes de aprendizado para a população brasileira.
- 2) A importância da linguagem para a organização da vida social.
- 3) Como o processo de comunicação está influenciado pela história da sociedade.
- 4) As posições dos analistas ao discutirem a influência dos meios de comunicação sobre a sociedade.
- 5) A relação entre a educação e o trabalho no âmbito da Sociologia da Educação, segundo:
  - a) o pensamento weberiano;
  - b) o pensamento marxista.
- 6) A importância do esquecimento para a vida humana.
- 7) A relação entre memória social e o sentimento de pertencer a uma cultura ou grupo social.
- 8) O que significa “belo”.

## DIFERENCIAR

- 1) A memória-hábito da memória-souvenir em Bergson.
- 2) As concepções que *valorizam* a influência dos meios de comunicação das concepções que *criticam* a influência dos meios de comunicação sobre a sociedade.

## **DISCUTIR**

1) A importância da prática de memorização em conformidade com a expectativa de decorar nomes, datas, tabuada.

2) “A arte não tem exclusivamente uma dimensão sensível; a nossa percepção estética pode ser apurada, educada; há diversos critérios racionais para aproximarmos-nos da arte; não se trata de pura efusão, sensação, sentimento.”

## **EXEMPLIFICAR**

1) A relação entre memória social e o sentimento de pertencer a uma cultura ou grupo social.

2) Duas manifestações de memória coletiva considerando experiências relativas a seu bairro, comunidade ou grupo com que trabalha.

3) Com um fenômeno, rito ou prática, a caracterização do processo de “retorno”.

## **ELABORAR**

1) Uma pesquisa sobre um monumento localizado em qualquer parte do mundo.

Inserir no trabalho a importância e o significado que este bem do patrimônio material tem para a população local.

2) Um quadro indicativo de idéias, tendo como referência “interação”, nas perspectivas de Piaget e Vygotsky. Use afirmativas curtas para compor cada uma das colunas do quadro.

## **MARQUE C (CERTO) OU E (ERRADO) E JUSTIFIQUE A ESCOLHA**

1) Na escola X, instalou-se o costume de padronizar uma cor para o envoltório do material escolar dos alunos. O professor A, de uma das turmas da série de cor verde, estimulou sua turma para que decorasse o material de cada um conforme lhe parecesse mais bonito. O professor A pensou: “Não se pode perder qualquer oportunidade para prover iniciativas inovadoras e caracterização de estilo pessoal.”

O professor A preocupou-se com a arte como vivência. ( C ) ( E )

2) Numa escola, os alunos viram dois filmes da série temática “tubarão”, como base comparativa de um cine-debate. Foram indicados os critérios de paisagem, realismo, ficção, elemento surpresa e reação dos personagens para o foco de observação e discussão.

Esta prática pedagógica é exemplo de parâmetros estéticos impostos. ( C ) ( E )

3) Há inúmeros quadros sobre o grito do Ipiranga, inspirados na Independência do Brasil.

O gesto de Dom Pedro I, significativamente retratado, confirma a função política das obras de arte. ( C ) ( E )

4) Um professor de 4ª série explorava o tema “vegetais”. Ao som de ventos uivantes sonorizados pela maioria da turma, uma coluna de alunos se vergava, em consonância com os sons, para os lados, para a frente e para trás, demonstrando a flexibilidade de certos caules, no caso o caule do bambu. Uma loucura, como escreveu Monet, o impressionista, a um amigo a respeito de sua intenção de pintar um bambuzal ao vento.

A encenação efetivada confirma que a experiência artística associa sensações e formação de idéias podendo conservar seu aspecto lúdico. ( C ) ( E )

5) Um professor disse para o outro: “Eu só trabalho com os alunos por meio de situações-problema. É um desafio constante no sentido do conhecimento, da realização e do domínio. E nunca, nunca mesmo, ajudo em nada.”

O procedimento docente adotado caracteriza as idéias de Coll. ( C ) ( E )

## CITAR

1) Alguns exemplos, mínimo de cinco, explorando a realidade circundante, do “belo” fora do padrão convencional.

2) As diversas funções que, conforme a ótica de Gallo, a arte poderia desempenhar.

3) Algumas potencialidades e capacidades que, conforme **Munhoz Maluf**, podem ser fomentadas por meio da prática de brincadeiras.

### CARACTERIZAR

- 1) O sentido do termo **ética**.
- 2) O significado do termo **feíúra**.
- 3) Algumas técnicas empregadas por Liman para que as crianças recriem conceitos e elaborem novas idéias.

### JUSTIFICAR A AFIRMATIVA

“Na sala de aula, as crianças ao brincarem, podem perceber que a realidade é como um **caleidoscópico**, em que é possível enxergar inúmeras formas de ver o universo.”

### AUTO-AVALIAÇÃO

1) Construa dois quadrados ou retângulos; se quiser, acrescente dois telhadinhos utilizando ângulos.

2) A primeira casinha terá o registro de “Antes” e a segunda de “Agora”. Já escreveu?

---

---

---

---

3) Fundamentos da Educação 4 é uma disciplina que se findou nesta última parada do trem. Utilizando desenho ou colagem veja a si mesmo no primeiro registro “Antes”. Em seguida, você que estudou em casa, a distância, contemple-se no registro “Agora”. O que mudou?

4) Ao compor os quadros, considere os critérios sugeridos e outros que julgar importantes. Ei-los:

- esforço pessoal;
- aplicação em situações reais;
- nova visão de mundo;
- domínio de conteúdos;
- desenvolvimento pessoal;
- proveito obtido.



## Fundamentos da Educação 4

---

Referências

## Aula 21

---

- ALTHUSSER, Louis. *Os aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BARRETO, Raquel Goulart (Org.). *Tecnologias educacionais e educação à distância*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.
- FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Estado, escola e sociedade*. São Paulo: Moraes, 1987.
- FISCHER, Rosa Maria B. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria crítica e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ROCHA, Everardo. *Magia e capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- SILVA, Marco. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais na sala de aula. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende. *Educação e cultura: pensando em cidadania*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

## Aula 22

---

- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BORDENAVE, Juan Enrique D. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ADORNO, Theodore. W.; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ALTHUSSER, Louis. *Os aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Olho D'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FISCHER, Rosa Maria. *Televisão e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.*

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LYOTARD, Jean-Francois. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.

MCLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutemberg*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1977.

MILLS, C. Wright. *A sociedade de massas*. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e sociedade*. São Paulo: Livro Técnico, 1978.

MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1990.

MORIN, Edgar. Indústria cultural. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e sociedade*. São Paulo: Livro Técnico, 1978.

PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria crítica e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Thomaz T. *Identidades terminais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CASTORINA, José A.; ANTÓN, Gil M. La construcción de la noción de autoridad escolar: problemas epistemológicos derivados de una investigación en curso. *Revista del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación*, Facultad de Filosofía y Letras, Universidade de Buenos Aires, ano 3, n. 5, p. 63-73. 1994.

COLL, César (Org.). *O construtivismo na sala de aula*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIDDENS, Anthony. *Las Nuevas reglas de método sociológico*. Buenos Aires: Amorrortu, 1987.

HABERMAS, Jürgen. Teoria analítica de la ciência y la dialéctica. In: POPPER, Karl et al. *La lógica de las ciencias sociales*. México: Grijalbo, [19--].

VYGOTSKY, Lev Semionovich. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

## Aula 25

---

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. São Paulo: Graal, 1992.

APPLE, Michael. *Ideologia currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BECKER, G. *Human Capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education*. New York: Columbia University Press, 1964.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte no tempo da sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Cultural Abril, 1978. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Sociologia, educação e moral*, Porto, Rés, 1984.

ESTABLET, Roger; BAUDELLOT, Christian. *Escuela capitalista*. México: Siglo XXI, 1990.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOURQUIN, Jean Claude. *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

- FREITAG, Barbara. *Escola, estado e sociedade*. São Paulo: Moraes, 1981.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Porto Alegre: DP&A, 2004.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *O manifesto do partido comunista*. São Paulo: Global, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Teses contra Feuerbach*. São Paulo: Cultural Abril, 1978. (Os Pensadores)
- MC LAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Thomaz Tadeu. *Territórios contestados*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PARSONS, Talcott. *O sistema das sociedades modernas*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- PUCCI, Bruno et al. *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SCHULTZ, Theodore. *O capital humano: investigações em educação e pesquisa*, Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- SILVA, Thomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TURA, Maria de Lurdes Rangel (Org.). *Sociologia para educadores*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- YOUNG, Michael. *O currículo do futuro*. São Paulo: Papyrus, 2000.

## Aula 26

---

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1997. 295p.

IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer, cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004. 114p.

MEDEIROS, Sandra A. *L'Éducation et le post-moderne: le travail de la mémoire*, Mémoire de DEA, Universidade Vincennes-ST. Denis, outubro de 2002.

NOBEL Foundation. Henri Bergson: biography. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/laureates/1927/bergson-bio.html>>. Acesso em: 07 abr. 2005.

## Aula 27

---

AUGÉ, Marc. *Les formes de l'oubli*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1997.

MEDEIROS, Sandra A. *L'éducation et le postmoderne : le travail de la mémoire*, Mémoire de DEA, França, Université de Picardie Jules Verne, Picardie, out. 2002.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Seuil, Paris, 2002.

## Aula 28

---

BERGSON, Henri. *Matière et mémoire*. Paris: PUF, 1939.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória, ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2003.

SILVA, Jaílson de S. *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.



ISBN 85-7648-320-3



9 788576 483205



**UENF**  
Universidade Estadual  
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério  
da Educação

